CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

RUANA BATISTA SILVA

O FRACASSO DA "GUERRA AO TERROR" E A ASCENSÃO DO GRUPO EXTREMISTA ESTADO ISLÂMICO. (2001- 2014)

Itaituba
2019

RUANA BATISTA SILVA

O FRACASSO DA "GUERRA AO TERROR" E A ASCENSÃO DO GRUPO EXTREMISTA ESTADO ISLÂMICO (2001- 2014)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Faculdade de Itaituba para obtenção do título de Licenciatura Plena do Curso de História.

Orientador: Profª Ma. Raquel Peres Rocha

Itaituba

2019

SILVA, Ruana Batista.

O Fracasso Da "Guerra Ao Terror" e a ascensão do grupo extremista Estado Islâmico. (2001- 2014) / Ruana Batista Silva. Itaituba: FAI, 2019.

68f.: il.

Orientador: Raquel Peres Rocha

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Itaituba, 2019.

1. História. 2. Geopolítica. I. Rocha, Raquel Peres. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR – PA, 2019.

RUANA BATISTA SILVA

O FRACASSO DA "GUERRA AO TERROR" E A ASCENSÃO DO GRUPO EXTREMISTA ESTADO ISLÂMICO. (2001 – 2014)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Faculdade de Itaituba para obtenção do título de Licenciado no Curso de História.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____ Nota: _____

Prof.ª Raquel Peres Rocha, Ma.

Avaliadora 01: _____ Nota: _____

Prof.ª Caren Alessandra Kluska, Ma.

Avaliadora 02: _____ Nota: _____

Prof.ª Reuma de Sá Almeida Barros, Esp.

Resultado: _____ Média: _____

Data: 27 de Março de 2019

Hora: 17:40

A Deus por todas as bênçãos concedidas, a minha família por sempre ter sido meu porto seguro nessa caminhada e a todos os meus amigos que fizeram e fazem parte da minha história. Dedico-lhes a todos essa conquista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, sem Ele jamais teria conseguido chegar até aqui. Iluminou-me os caminhos, deu-me saúde, sabedoria e colocou pessoas maravilhosas ao longo da minha trajetória.

A minha família que foi a base de tudo, meu pai Ronivaldo e minha mãe Maria Hilta, e aos meus irmãos que não mediram esforços para que eu conseguisse concluir esta etapa tão importante da minha vida, estiveram sempre ao meu lado ajudando-me a vencer todas as dificuldades não deixando-me desistir.

A todos os professores da graduação que foram peças fundamentais para a minha formação acadêmica, e responsáveis por toda a gama de conhecimentos que adquiri ao longo desses quatros anos. Em especial a professora especialista Lindamar Nogueira, que foi uma verdadeira mãe nesse processo, por toda paciência, por todo o incentivo nos momentos mais difíceis, por toda a disponibilidade, orientação e dedicação para que tudo saísse da melhor forma possível para a conclusão deste trabalho.

A Mestra Raquel Peres Rocha que esteve com a turma de História do primeiro ao último dia nesta caminhada, sempre acreditando no potencial de cada discente, incentivando-nos e nos dando seu total apoio.

Aos meus amigos e colegas de classe Alcione, Antônia Vanda, Márcio, Sandra, João, Rondnelson, Andressa, e a todos os outros que estiveram juntos comigo entre tantos trabalhos, que me ajudaram direta e indiretamente ao longo do curso.

Agradeço em especial a minha melhor amiga Gessy, a quem considero uma irmã, por todo o amor, carinho, dedicação, por ter estado ao meu lado em todos os momentos, felizes ou tristes, com seu apoio, incentivo e ajuda sendo peça fundamental nessa grande conquista.

A faculdade de Itaituba por ter sido meu lar durante esses anos, e ter me levado a concretização desse sonho.

"A virada do século trouxe para a humanidade a esperança de novos tempos de paz, união e prosperidade entre as nações. Infelizmente, o atentado de 11 de setembro de 2001 veio anular essas perspectivas e, mais uma vez, jogou por terra as esperanças depositadas no novo milênio." (Patrick Denaud)

RESUMO

Trata-se de um estudo sobre "O fracasso da "Guerra ao Terror" e a ascensão do grupo extremista Estado Islâmico", que investiga como ocorreram os primeiros atos terroristas no mundo até a era contemporânea e quais as consequências dessas ações para a humanidade. O trabalho tem como objetivo explicar de que forma se tornou desastrosa a campanha de combate ao terrorismo, declarada pelos Estados Unidos após os atentados do 11 de setembro de 2001. Mergulhando partes do Oriente Médio num imenso caos de diversas ordens, principalmente de crise humanitária, após uma série de erros que por fim propiciaram a ascensão do grupo terrorista autoproclamado Estado Islâmico. O mesmo faz-se oportuno por tratar-se de um assunto que é bastante discutido na sociedade atual, sendo de fundamental importância para o conhecimento do mundo globalizado. A análise do tema em questão pretende levar o leitor a compreender qual foi o discurso, quais foram às justificativas e principalmente quais as ações que foram tomadas pelos Estados Unidos, com apoio de potências globais, para suas guerras nas duas primeiras décadas deste século, levando-os a refletir sobre as questões políticas, militares e sociais desses em relação ao Oriente Médio, e como essas questões estão marcando e construindo a História hoje. Para isso foi realizada uma pesquisa bibliográfica com base em livros, artigos, e materiais jornalísticos. Tendo como referências autores de renome na área como: Demétrio Magnoli, Patrick Cockburn, Newton Carlos, Dan Smith, Degenszajn, Mazetto, entre outros. É uma pesquisa descritiva e averiguada através da abordagem qualitativa com a finalidade de apresentar os fatores que levaram ao fracasso da chamada "Guerra ao terror", através da análise das relações políticas entre os países envolvidos, e como estas resultaram nos maiores problemas geopolíticos do início do século XXI, sobretudo na maior era de medo e terror nunca antes vistas na História.

Palavras-chave: Terrorismo. Estado Islâmico. Fracasso. Problemas Geopolíticos.

ABSTRACT

This is a study on "The failure of the" War on Terror "and the rise of the Islamic State extremist group," which investigates how the first terrorist acts occurred in the world until the contemporary era and what the consequences of those actions for humanity. The work aims to explain how the campaign to combat terrorism, declared by the United States after the Sept. 11, 2001 attacks, has become disastrous. Plunging parts of the Middle East into an immense chaos of various orders, most notably the humanitarian crisis, after a series of errors that eventually led to the rise of the self-proclaimed terrorist Islamic state. The same is timely because it is a subject that is much discussed in today's society, being of fundamental importance for the knowledge of the globalized world. The analysis of the subject in question intends to lead the reader to understand what the discourse was, what were the justifications and especially what actions were taken by the United States, with the support of global powers, for their wars in the first two decades of this century, leading to - to reflect on their political, military and social issues in relation to the Middle East, and how these issues are marking and building history today. For this, a bibliographic research was carried out based on books, articles, and journalistic materials. Having as references renowned authors in the area as: Demetrio Magnoli, Patrick Cockburn, Newton Carlos, Dan Smith, Degenszajn, Mazetto, among others. It is a descriptive and investigated research through the qualitative approach with the purpose of presenting the factors that led to the failure of the so-called "War on Terror", through the analysis of the political relations between the countries involved, and how these resulted in the greatest geopolitical problems of the beginning of the 21st century, especially in the greatest age of fear and terror never seen before in history.

Key- words: Terrorism. Islamic state. Failure. Geopolitical problems.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Reunião do conselho de segurança da ONU 17
Figura 2- Punhal usado pelos sicários nos ataques 20
Figura 3- Esculturas representando soldados romanos 21
Figura 4- Ruínas de Cartago 22
Figura 5- As Cruzadas 24
Figura 6- Joana D`arc sendo queimada viva 25
Figura 7- Velho da montanha, líder da ordem dos assassinos 26
Figura 8- Thugs carregando suas vítimas estranguladas 27
Figura 9- Pintura de Eugène Delacroix representando a Revolução Francesa 29
Figura 10- Gravura mostrando o Rei Luís XVI diante da guilhotina 30
Figura 11- Atos terroristas: Noite de terror 31
Figura 12- Gravura expõe atos terroristas na Revolução Francesa 32
Figura 13- O Czar Alexandre II 34
Figura 14- Velório de Francisco Ferdinand e sua esposa 35
Figura 15- Nathan B. Forrest, o primeiro líder da KluxKluxKlan 36
Figura 16- Membros da KuKluxKlan caracterizados 37
Figura 17- Membros do Exército Republicano Irlandês- IRA 39
Figura 18- A cidade sagrada de Jerusalém 40
Figura 19- Militantes do Hamas 44
Figura 20 - Estátua da Liberdade 49
Figura 21 - Meca, na Arábia Saudita. A cidade sagrada dos Mulçumanos 52
Figura 22 - Atentado às torres gêmeas em Nova York 53
Figura 23 - Bush se dirige a nação na noite do dia 11 de Setembro 54
Figura 24 – Presença Americana na Síria 60
Figura 25 - Membros do Estado Islâmico 61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Classificação do Terrorismo 18

LISTA DE SIGLAS

CIA: Agencia Central de Inteligência

DOD: Departamento de Defesa dos Estados Unidos

EI: Estado Islâmico

EUA: Estados Unidos da América

ETA: Pátria Basca e Liberdade

FBI: Departamento Federal de Investigação

GUK: Governo do Reino Unido

IRA: Exército Republicano Irlandês

OLP: Organização para a Libertação da Palestina

ONU: Organização das Nações Unidas

URSS: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO **14**

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA **16**

2.1 INÍCIO DO TERRORISMO NO MUNDO 16

2.1.1 Conceito de Terrorismo **16**

2.2.2 A origem e a história do terrorismo na Antiguidade **19**

2.2.3 O terrorismo na Idade Média **22**

2.2TERRORISMO CONTEMPORÂNEO: ORIGEM E HISTÓRIA 28

2.2.1 Revolução Francesa: O Terrorismo de Estado **28**

2.2.2 Atos de Terror: Movimentos revolucionários **33**

2.2.3 Conflito Israel- Palestina **40**

3. METODOLOGIA 45

3.1 TIPO DE PESQUISA 45

3.2 AMBIENTE DA PESQUISA 48

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES **51**

4.1 O FRACASSO DA "GUERRA AO TERROR" E A ASCENÇÃO DO GRUPO EXTREMISTA ESTADO ISLAMICO (2001- 2014) 51

4.1.1 A organização terrorista Al – Qaeda **51**

4.1.2 Ataques de 11 de Setembro e a declaração de "Guerra ao Terror" **52**

4.1.3 As guerras no Afeganistão e no Iraque, pós 11 de Setembro **55**

4.1.4 A Ascensão do Estado Islâmico **59**

5. CONCLUSÃO **63**

REFERÊNCIAS

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como tema "O Fracasso da Guerra ao terror e a ascensão do grupo extremista Estado Islâmico", que questiona as ações políticas equivocadas dos Estados Unidos, com apoio de potências globais, em países do Oriente Médio, e analisa de que forma estas ações deram condições para a ascensão do grupo terrorista autoproclamado Estado Islâmico.

O referido trabalho teve como objetivo explicar como se tornou desastrosa a campanha contra o terrorismo declarada pelos Estados Unidos logo após os ataques do 11 de Setembro de 2001. Gerando um imenso caos político, militar e social em países como Afeganistão, Iraque e Síria. Mostrar quais foram as motivações e justificativas do Ocidente para combater o terrorismo, as ações equivocadas tomadas pelas grandes potências nesse combate, e evidenciar as problemáticas causadas por essas ações desmedidas, que levaram ao fortalecimento do radicalismo tendo como resultado principal o Estado Islâmico.

A realização desta pesquisa se deve a uma motivação acadêmica e pessoal, a mesma se faz oportuna por tratar-se de um assunto que está em voga na atualidade, justificando-se por ser de fundamental importância para o conhecimento do mundo globalizado em que vivemos.

A pesquisa em questão pretende levar o leitor a compreender através de uma análise crítica, o discurso e as ações equivocadas das potências globais, liderada pelos Estados Unidos, e como eles utilizaram seu poder como instrumento nos anos 2000 passando até mesmo por cima de resoluções da ONU contrárias as suas investidas. Fazendo-o refletir sobre as questões políticas, militares e sociais, dos mesmos, e sobre como agravaram ainda mais as situações de conflito no Oriente Médio, e ficar a par, desta que já é considerada por especialistas a maior era de medo e terror nunca antes vistas no mundo, e que está definindo a História no início deste século.

A metodologia desenvolvida foi à pesquisa bibliográfica e qualitativa, baseada na minuciosa consulta de livros, artigos, e outros materiais gabaritados como: matérias jornalísticas, que se debruçam sobre o tema com a devida propriedade e responsabilidade.

Este trabalho tem como finalidade apresentar os fatores que levaram ao fracasso da chamada "Guerra ao Terror", através da análise das relações políticas

entre os países envolvidos, que resultaram nos maiores problemas geopolíticos do século XXI.

O trabalho está estruturado em cinco capítulos: O primeiro traz aspectos introdutórios do estudo; o segundo informa a Fundamentação Teórica com temas e subtemas sobre a monografia em questão; o terceiro mostra a metodologia utilizada na pesquisa, o quarto expõe os resultados e discussões e o quinto os aspectos conclusivos do projeto.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 INÍCIO DO TERRORISMO NO MUNDO

2.1.1 Conceito de terrorismo

O terrorismo de acordo com Storti (2009), é visto de forma geral como atos de violência física ou psicológica praticados contra aqueles que não concordam com determinada ideologia seja ela, política, religiosa e cultural dos agressores. É uma prática que pode ser cometida pelo Estado, por grupos políticos ou fanáticos religiosos para combater um determinado "poder" e, ao mesmo tempo, impor de forma violenta o medo sobre um povo, um governo ou uma nação.

Ao tentar esquadrinhar o seu conceito, observa-se que ele gera polêmica e controvérsia, sendo bastante discutido por especialistas na atualidade, seguindo sem uma definição única. Recorrendo ao dicionário Aurélio (2000, p.670), o terrorismo é definido como "Modo de coagir, combater ou ameaçar pelo uso sistemático do terror". Ou seja, um mecanismo de atos ilegais usado para espalhar medo com um determinado fim. Mas há outras centenas de definições do que seja terrorismo, não existindo um consenso universal para o termo.

> Um dos principais motivos do terrorismo ter se tornado um conceito tão amplamente contestado e difícil de definir reside na própria história dos usos e significados do termo. Desde que foi relacionado em dicionário pela primeira vez, há mais de dois séculos, a palavra teve os mais diferentes significados e foi empregada para se referir a diferentes tipos, práticas, nos mais diversos contextos. (RABELLO, 2007, p.18)

Um dos maiores especialistas no tema, Laqueur (1997, p.7), afirma que: "Nenhuma definição pode abarcar todas as variedades de terrorismo que existiram ao longo da História". Ou seja, é um fenômeno histórico de múltiplas formas e definições, não se podendo fazer uma única classificação, segundo ele qualquer tentativa de ser mais específico está voltada ao fracasso, pois ressalta que não há um, mas muitos terrorismos diferentes.

Parafraseando Magnoli (2008), a proliferação de diversas definições sobre o terrorismo abre caminho para a manipulação do termo, servindo aos interesses políticos de estados e organizações. Sendo exatamente o que acontece, pois países e organizações entendem, classificam, e punem o terrorismo conforme suas próprias

definições. Sejam para que legitime seus atos, quanto para que os livrem de se enquadrarem como autores de atos terroristas. Como exemplo, a Organização das Nações Unidas que em 2002 pressionada pelos Estados Unidos definiu que o terrorismo é na maioria dos casos, um ato político.

> Terrorismo é fundamentalmente uma definição política. Qualquer tentativa de definir o terrorismo em termos objetivos dará margem a mais de uma interpretação. As definições, por conseguinte, não são isentas, mas respondem a um posicionamento, a um interesse político em classificar algumas ações ou grupos como terroristas, e ao mesmo tempo justificar outras a partir de uma suposta legalidade. (DEGENSZAJN, 2006, p.24)

Canhete (2011) ressalta que, a ONU, no entanto, não considera como atos terroristas os bombardeios dos Estados Unidos e outros países da união europeia sobre populações civis "inimigas", como aconteceu, ou ainda acontece, no Afeganistão, no Iraque, na Síria na Palestina e etc. Se no século XVIII os jacobinos usavam o termo Terrorismo para definir suas políticas, nas definições atuais, pós atentados do 11 de Setembro, os Estados jamais são vistos como autores de atos terroristas.



Figura 1- Reunião do conselho de segurança da ONU.
Fonte: Nações Unidas Br

Como afirma Alcântara (2015, p.2) "A definição do termo terrorismo está vinculada a objetivos políticos e a ideologias daquele que a define, o que torna o trabalho de alcançar um consenso quase impossível". Segundo a autora, o que existe na verdade são diferentes abordagens, sendo elas: governamental, criminal, psicológica, acadêmica e religiosa. E que a interpretação se dá de diversas

maneiras, onde o terrorismo pode ser visto como um crime, um ato de guerra, um ato religioso ou um ato político. Ela ressalta que não existe uma abordagem certa ou errada, e que elas não são excludentes entre si.

Entre diversas tentativas de se conceber uma classificação para o terrorismo, temos abaixo uma compilação reunida por Whittaker (2003, p.3) de diversas definições elaboradas por agências governamentais e especialistas no tema.

Quadro 01 – Classificação do Terrorismo

FBI	"O uso ilegal da força ou violência contra pessoas ou contra a propriedade para intimidar ou coagir um governo, a população civil, ou qualquer outro segmento, para a consecução de objetivos políticos ou sociais"
DOD	"O uso calculado ou a ameaça do uso da violência para causar medo, no intuito de coagir ou intimidar governos ou sociedades em função da busca de objetivos que são geralmente políticos, religiosos ou ideológicos".
DSUE	"Violência premeditada com motivações políticas empreendida contra alvos não-combatentes por grupos subnacionais ou agentes clandestinos, normalmente destinada a influenciar um público".
GRU	"O uso ou ameaça de ações que envolvam grave ameaça contra qualquer pessoa ou propriedade, com o objetivo de promover uma causa política, religiosa ou ideológica".
Laqueur	"O uso ilegítimo da força para alcançar objetivos políticos, tendo como alvo pessoas inocentes".
Reich	"Uma estratégia de violência concebida para promover resultados desejados por meio da instauração do medo em meio ao público em grande escala".
Jenkins	"O uso ou ameaça de uso da força com o objetivo de promover mudança política".
Johnson	"O assassinato, agressão ou ameaça sistemáticos e deliberados de inocentes para inspirar medo com o intuito de alcançar objetivos políticos. [...] Terrorismo [...] é intrinsecamente mau, necessariamente mau e inteiramente mau".
Stern	"[Terrorismo internacional é] a ameaça ou o uso da violência para propósitos políticos quando (1) tal ação tem o intuito de influenciar a atitude e o comportamento de um grupo".

Fonte: Whittaker (2003)

Como esclarece Degenszajn (2006), há um consenso na literatura sobre a dificuldade em se alcançar uma definição precisa que seja capaz de diferenciar ações terroristas de outras formas de violência política. E que o termo terrorismo é utilizado constantemente de forma indiscriminada, pois não se busca compreender o seu contexto, e assuas motivações e estratégias. Então ao analisar o terrorismo, é importante queo mesmo seja contextualizado a partir de suas múltiplas faces ao longo da história, entendendo como esse fenômeno se deu de forma diferente em cada período.

Conforme visto nesta breve análise acerca do conceito de terrorismo, pôde-se ter uma ideia de que há uma grande discussão sobre o seu significado, e que não existe um consenso acadêmico, literário, e nem governamental para o termo. Até mesmo porque, como frisa Magnoli (2008), diversos países e líderes políticos

pressionaram a ONU pela formulação de uma convenção geral sobre o terrorismo, assentada sobre um consenso abrangente, mas as grandes potências parecem pouco interessadas em patrocinar iniciativas desse tipo.

Portanto, não ouve aqui o objetivo de se alcançar uma definição sobre o terrorismo ou eleger a mais correta, mas mostrar os diversos olhares que circundam esse tema e toda a sua complexidade, e que devido a isso provavelmente nunca haverá uma concordância global para classificar o fenômeno terrorismo.

2.1.2 A origem e a história do terrorismo na Antiguidade

O terrorismo como destaca Degenszajn (2006), ganhou notoriedade e passou a ser discutido globalmente a partir dos ataques de 11 de setembro em 2001, mas não é um acontecimento novo. Mesmo não sendo possível determinar quais foram às primeiras ações terroristas na História, sabe-se que essas práticas usadas como recurso no sentido de causar pavor e medo, por parte de opressores (para dominação), tanto quando dos que se sentem oprimidos (contra a sujeição), ocorrem desde a antiguidade.

> Fazendo um breve retrospecto histórico, verifica-se que os atos de terror estão presentes desde o início da civilização. O fato mais surpreendente é que o agente mais letal nas ações de terror foi o próprio poder estabelecido. Ora contra nações inimigas, ora contra seu próprio povo como forma de repressão. (MAZETTO, 2002 p.3)

Especialistas como, Degensazjn (2006) e Horsley (2010) enfatizam dentro de uma síntese histórica, que os principais movimentos ou estados que utilizaram a violência e o terror como instrumentos de luta libertadora ou opressora, se iniciaram a partir do século I d. C. com a ação dos Sicários na Palestina.

Conforme Luza (2014), o império Romano iniciou sua dominação sobre os judeus quando invadiu e tomou Jerusalém em 63 a. C., sob o comando de Pompeu. Durante os séculos seguintes diversos imperadores se sucederam no governo da Palestina. Ressalta Horsley (2010, p.26) que "A opressão imperial sobre a população judaica gerou um clima de resistência e revolta."

Afirma Goodman (1994, p.21) que as cinco razões para a revolta foram: "a). a incompetência dos governadores romanos; b) a opressão do domínio romano; c) suscetibilidades religiosas judaicas; d) tensões de classe; e e) desavenças com não

judeus locais". Em suma essas revoltas levaram a ascensão de grupos rebeldes que queriam expulsar os romanos de seu território e conseguir independência política.

Um desses grupos eram os chamados Sicários, judeus extremistas, que segundo Santos (2010, p.11), "Receberam esse nome por causa dos punhais parecidos com as cimitarras dos persas em tamanho, mas curvos, e mais semelhantes às armas chamadas sicae usadas pelos romanos" e que eram as armas que os sicários utilizavam nos seus ataques.



Figura 2- Punhal usado pelos sicários nos ataques.
Fonte: People ASK.

Segundo Santos (2010 p. 12), "Os sicários usavam o terrorismo como método de expressão. Os alvos eram as elites judaicas colaboracionistas, ou seja, que apoiavam o governo romano, e as maiores vítimas eram os sumos sacerdotes". De acordo com Degensazjn (2006 p. 17), "Os sicários os atacavam pois "acreditavam que não deveria haver nenhum intermediário entre Deus e os homens e viam os sacerdotes como representantes ilegítimos do povo". Acrescenta Ribeiro:

> Os sicários atuavam especialmente durante festividades, com punhais escondidos na roupa misturavam-se com as multidões em Jerusalém e esfaqueavam seus inimigos em plena luz do dia. Daí, para evitar suspeitas, juntavam-se aos que expressavam indignação contra essas matanças. [...] Em 66 EC, um bando de sicários, sob o comando de Eleazar, filho de Já iro, tomou e massacrou a guarnição romana de Massada. Este bando de patriotas fanáticos continuou seu desafio a Roma até 73 EC, ano em que se romperam as defesas de Massada. Os romanos, porém, não precisaram lançar um ataque contra a própria fortaleza. Para evitar serem capturados, os sicários tinham realizado um sistemático massacre suicida de 960 homens, mulheres e crianças. Sobreviveram apenas duas mulheres e cinco crianças, que se esconderam numa caverna. (RIBEIRO, 2014, p. 1)

Para Ribeiro (2014), os ataques cometidos pelos sicários tinham o objetivo de incitar os judeus contra a ocupação romana, o método era simples procuravam os alvos, colaboradores ou romanos, os atacavam e após os ataques se misturavam a multidão se aproveitando da aglomeração para não serem pegos.

Carr (2002) destaca que, o Império Romano também utilizou táticas de terrorismo, estas empregadas contra as populações dominadas, e até mesmo contra o seu próprio povo como forma de repressão (o chamado terrorismo de estado) e tinha como finalidade, diminuir a moral e enfraquecer a resistência dos inimigos. Ele enfatiza que a expressão utilizada na época era "Guerra punitiva" que mais tarde foi substituída por "guerra destrutiva". Entre os atos terríveis praticados pelas legiões romanas estavam os estupros e saques, como forma de recompensa aos soldados, já que eles eram extremamente mal remunerados.



Figura 3- Esculturas representando soldados romanos.
Fonte: https://Escolakids.com/ UOL

E o episódio mais marcante que demonstra que Roma cometeu atos de terror, foi ao final das guerras púnicas, como expõe Mazetto (2002, p.4) "Com a implacável destruição de Cartago pelos romanos, que não poupou mulheres, velhos e crianças", destacando que essa tática de terror tinha como objetivo apagar qualquer resquício do inimigo cartaginês que por bastante tempo desafiou o império romano.

> A batalha foi terrível. Rua após rua, casa após casa, os romanos trucidaram os cartagineses. Acredita-se que 85 mil soldados de Cartago foram mortos, e o número da população aniquilada é inimaginável. O Senado Romano autorizou que os soldados romanos saqueassem todas as riquezas de Cartago e ordenou a destruição total da cidade. Os poucos sobreviventes foram escravizados. (TURCI, 2008, p.2)

Salienta Pitta (2009) que a tomada de Cartago ao final da terceira guerra púnica deu a Roma todo o domínio do Mediterrâneo abrindo caminho para um poder sem precedentes, conquistando mais territórios e tornando-se definitivamente a maior potência da antiguidade. E ressalta Turci (2008), que Roma já era um império em termos de terras conquistadas. Mas dentro de um contexto político só foi após a essa expansão territorial, onde derrubaram a República, é que se iniciou o período político conhecido como Império.

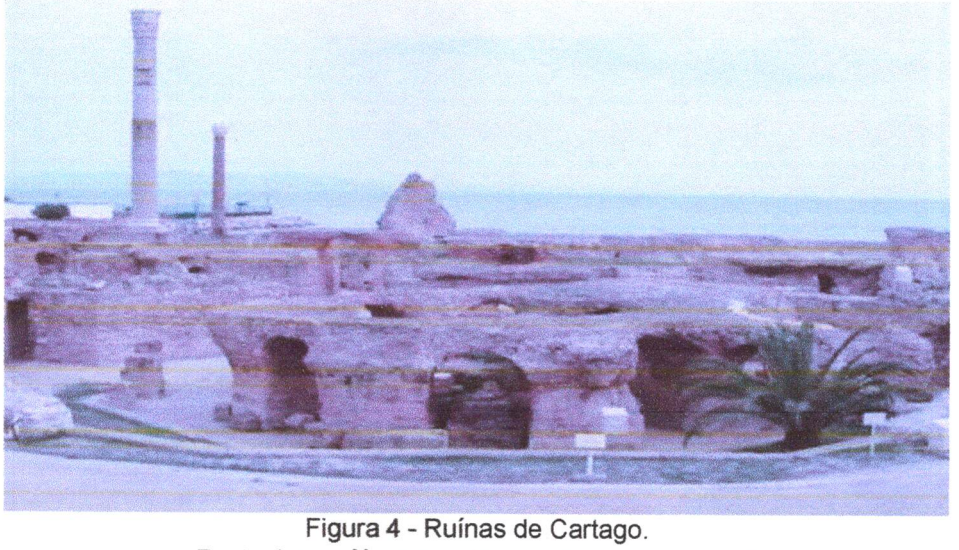


Figura 4 - Ruínas de Cartago.
Fonte: https://www.civilizaçõesafricanas.com.br

Conforme Turci (2008) a grande consequência desse embate foi o desaparecimento da civilização Cartaginesa, ela ressalta que a cultura da mesma influenciou os povos berberes do norte da África, mas que pouco se sabe sobre sua história. E que nos registros gregos e romanos, apesar de se constatar o preconceito desses em relação aos cartagineses, ainda é perceptível o quão grandioso foi esse povo.

2.1.3 O terrorismo na Idade Média

O fim do Império Romano do Ocidente em 476 d.C. foi ocasionado, de certa forma, pela deterioração do sistema político, social e cultural da época e, também, pela falta de eficiência do poder administrativo do Império. Contudo, não devemos deixar de levar em consideração o primitivismo e a barbárie ocasionada pelas invasões dos povos bárbaros nessa parte do Império Romano, sendo que essas

práticas de guerras foram apreendidas pelos povos germânicos no momento em que tiveram contato com os romanos. O historiador Peter Burke (2000) concede uma interessante reflexão sobre a problemática do binômio civilização versus barbárie, aplicada ao fim da Antiguidade:

> O declínio do Império romano, não deve ser considerado a derrota da 'cultura' pelo 'barbarismo', mas sim um choque de culturas. Os Ostrogodos, Visigodos, Vândalos e outros grupos tinham suas próprias culturas (valores, tradições, práticas, representações e assim por diante). Por mais paradoxal que possa parecer a expressão, houve uma 'civilização dos bárbaros. (BURKE, 2000, p. 246).

Conforme Burke (2000), a Idade Média é considerada um período de grandes transformações na sociedade ocidental, aonde os elementos germânicos e romanos se fundem para dar origem a uma nova sociedade denominada de feudal. O que se pode levar em consideração e que nesse novo sistema o que vigorava era o pensamento cristão, baseado na crença em um só Deus, senhor de todo o universo, que orientava a vida humana. No entanto, para melhor conhecer os desejos de Deus, era necessária a mediação da Igreja Católica como intérprete "única e verdadeira" das vontades divinas, pois "só a Igreja salvaria".

Portanto, a Igreja, se dizia a representante oficial dos ensinamentos de Cristo e detinha os poderes de expulsar demônios, curar doenças, e, é encarregada de espalhar a doutrina da salvação, e dessa forma, recebia de Deus o poder de dirigir o comportamento humano.

Utilizando-se da análise de Mazzeto (2002), as guerras travadas entre povos adeptos do cristianismo e os povos bárbaros (predominantemente germânicos) começaram no início da era cristã e só diminuíram por volta dos séculos IX e X. Durante esse período, iniciou-se uma interação econômica, política, social e cultural entre os dois povos, com o predomínio do cristianismo sobre os cultos bárbaros. O resultado dessa aproximação foi um aumento populacional que acabou por gerar a escassez de alimento e, dessa forma, causando a fome nesse período da história da humanidade.

Afirma Mazzeto (2002, p.5) que "A idade Média também foi pródiga em atos de terror, desencadeados principalmente pelo fundamentalismo religioso, cristão e mulçumano". De acordo com o autor a intolerância religiosa fomentou ações terroristas de quem estava no poder estabelecido nesse período, motivados não só

por questões religiosas, mas, principalmente, de interesses econômicos. E assim se deu as cruzadas no início XII, como explana Mazetto na citação abaixo:

> As cruzadas [...] constituíram campanhas militares desenvolvidas pelos cristãos da Europa Ocidental, com o objetivo de libertar os cristãos do oriente e os lugares santos do domínio "infiel" mulçumano. Mas logo abandonaram os ideais religiosos da Pax Dominius, concentrando-se mais nos fins políticos e econômicos. Não foram poucos os massacres praticados tanto por cristãos como por mulçumanos, cujas principais vítimas eram as populações civis das cidades conquistadas e reconquistas. (MAZETTO, 2002, p. 5).

Empregando-se dos conhecimentos de Mazzeto (2002), ele ressalta que, os massacres praticados levaram a um derramamento de sangue sem proporção, cometido pelas duas partes, tanto pelos cristãos como pelos mulçumanos, onde as populações civis dos locais disputados sofreram extrema violência, onde não escaparam nem mesmo mulheres e crianças.



Figura 5- As Cruzadas.
Fonte: https://wilsonoliveira.blogspot

De acordo ainda com a análise discorrida nos textos de Mazzeto (2002) ele destaca que, outro episódio de terror medieval que não pode ser esquecido é a Santa Inquisição, dirigida pela Igreja Católica Romana, cujos julgamentos condenaram inúmeros inocentes à morte acusados de feitiçaria. A igreja utilizava seu poder unilateral empunhando seus dogmas e preceitos a ferro e fogo. Conforme o autor as execuções visavam reprimir o restante da população através do terror e do medo. Gonzaga (1993, p. 45) afirma que, "Quando o crime possuía conotações

políticas, a brutalidade ultrapassava os limites do imaginável. A responsabilidade, com frequência, se tornava coletiva, comunicante".

> Veja-se esta ocorrência que se passou em Nápoles, no ano de 1585, conforme a descreve Cesare Cantu: assassinada uma autoridade eleita, "quinhentas pessoas foram presas, das quais se enforcaram e depois esquartejaram trinta e seis; quatorze foram também atenazadas; a algumas deceparam as mãos, duas foram chicoteadas, setenta e uma enviadas às galeras. Das doze mil pessoas que por isso fugiram, trezentas foram condenadas ao degredo, sob pena de morte se voltassem e prêmios foram prometidos a quem as matassem. (GONZAGA, 1993, p. 45).

Conforme reflete LeGoff (2011), a função da Inquisição era investigar, julgar e condenar todos os envolvidos em movimentos heréticos. Para isso, foi permitido pela Igreja o uso da tortura, e os culpados eram condenados à fogueira. Os historiadores não sabem ao certo quantos foram mortos pelo Tribunal da Santa Inquisição, mas estima-se que milhares de pessoas tenham sido mortas. Entre os sacrificados mais famosos estão Joana D´Arc e Giordano Bruno.



Figura 6 - Joana D`arc sendo queimada viva.
Fonte: https://www.caisdamemória.com.br

Nesse mesmo período uma seita de fanáticos causava pânico no Oriente médio, era a terrível Ordem dos Assassinos, também conhecida como Seita dos Ismaelitas. Constantino (2015) aponta que, a seita surgiu no Irã, e o seu líder era conhecido como o Velho da Montanha, segundo relatos da época especula-se que tenha tido cerca de 60 mil seguidores. Ele ainda afirma que a grande característica dos membros da seita, era o fato se entregarem completamente as missões suicidas

dadas por seus superiores, não demonstrando nenhum medo diante da morte, que fatalmente os aguardava, após terem praticado suas ações terroristas.

> Quando o velho tinha que matar algum príncipe, escolhia um dos jovens seguidores e dizia: "Vai tu e mata Fulano; e, quando retornares, meus anjos te levarão para o paraíso. E, se acaso morreres, não obstante, ainda assim enviarei meus anjos para carregar-te de volta para o paraíso". Conta-se que o Velho oferecia haxixe como entorpecente para seus jovens seguidores. Ele os fazia acreditar no seu poder de lhes oferecer o paraíso, e isso possibilitava que os assassinos enfrentassem qualquer perigo. (CONSTANTINO, 2015, p.1)

Ressalta Degenszajn (2006, p.26) que, "Os membros da seita eram matadores extremamente treinados e temidos, que eliminavam seus inimigos com a utilização de uma adaga". O autor ainda relata que eles moravam em fortalezas, localizadas, nas montanhas, onde dificilmente alguém era capaz de chegar, e que eram recrutados ainda crianças (ou bebês), mantendo contato apenas com seus mestres, aprendendo a obedecer sem questionar, pois, recebiam em troca a garantia do paraíso.



Figura 7 - velho da montanha, líder da ordem dos assassinos.
Fonte: https://história digital.blogspot.com

Segundo Constantino (2015), a Ordem dos assassinos é a origem medieval do terrorismo Islâmico, e que os atuais grupos são herdeiros desta seita no que diz respeito ao caráter suicida, e no recrutamento de crianças e jovens infelizes e miseráveis, que são alimentados desde cedo por uma ideologia fanática religiosa que não respeita a democracia, e que faz uma verdadeira lavagem cerebral para

que seus membros enxerguem o martírio como uma ação nobre na promessa de irem ao paraíso.

Na Índia outro grupo que aterrorizava com suas atividades assassinas, era a sociedade secreta dos Thugs. E de acordo com Onaissi (2017), "Os Thugs eram adoradores da Deusa Khali, conhecida como deusa da morte e da destruição." Eles acreditavam que a deusa havia conferido aos seus seguidores a tarefa de destruir o poder demoníaco do mundo, e que os peregrinos adoradores de outros deuses eram esses demônios em forma humana.

> Assim, os thugs faziam amizade com esses grupos e, logo que ganhavam a confiança deles, estrangulavam-nos com lenços ou laços que carregavam na cintura. Depois de mortas, as vítimas eram mutiladas por membros da seita especialmente treinados para isso. As principais vítimas eram mulheres e crianças das castas mais humildes, e, circunstancialmente, eram sacrificadas nos altares dos templos de Káli. Para que não identificassem as vítimas, escavavam buracos com picaretas consagradas, jogavam terra por cima e dançavam sobre a superfície para achatá-la. O ritual terminava com oferendas de açúcar à deusa Káli e libações sobre a picareta. Por fim, repartiam entre si o que haviam roubado da vítima. (ONAISSI, 2017, p. 2)

Discorrendo sobre os estudos levantados por Onaissi (2017), a seita dos Thugs teve seu auge no século XIII, onde foram construídos diversos santuários para a deusa Khali. Ressaltando ainda, que eles eram uma organização bem estruturada e bastante eficiente e estima-se que eles foram responsáveis por aproximadamente e impressionantes dois milhões de mortes.



Figura 8 - Thugs carregando suas vítimas estranguladas. Fonte: https://duronaqueda.blogs.sapo.pt

No século XIX a índia estava sob o domínio do Império Britânico, que começou uma caçada para destruir completamente a sociedade secreta dos thugs. De Onaissi (2017) destaca que, foi combatida e extinta pelos britânicos entre os anos de 1829-1848, sob o comando de Sir William Sleeman, onde foram condenados por ele mais de 1.600 membros da seita por assassinato. O autor ressalta que Sir Sleeman que havia primeiramente conhecido os Thugs através de escritos da época de Heródoto, também escreveu um trabalho interessante sobre os assassinos, intitulado "A linguagem peculiar dos Thugs".

2.2 TERRORISMO CONTEMPORÂNEO: ORIGEM E HISTÓRIA

2.2.1 Revolução Francesa: O terrorismo de Estado

O terrorismo conforme descreve o autor Galito (2013), é um fenômeno bastante discutido na atualidade, contudo, passou por várias mudanças ao longo da História, e que o termo como é conhecido hoje, é bastante recente. Aponta Magnoli (2008, p.11) que, "O terrorismo contemporâneo nasce no século XIX, junto com o desenvolvimento das comunicações e da imprensa moderna – isto é, na hora da configuração de uma opinião pública. Os terroristas querem, antes de tudo, que sua causa seja notícia." O terror almeja as manchetes dos jornais.

> A palavra francesa *terrorisme* (do latim *terror, terroris*, "terror, espanto") foi empregada pela primeira vez em 1794 com o sentido preciso e restrito de "doutrina dos partidários do Terror", o mesmo com que desembarcaria em inglês um ano depois (em português, o termo só foi dicionarizado em 1836). "Se a base de um governo popular em tempos de paz é a virtude", discursou Robespierre, líder do Terror, "sua base em tempos de revolução é a virtude e o terror – virtude sem a qual o terror seria barbárie, e terror sem o qual a virtude seria impotente". Disse isso em 1794, pouco antes de ser derrubado do poder e adequadamente guilhotinado também. (RODRIGUES, 2013: 1)

Segundo Rodrigues (2013) as práticas de terror eram utilizadas desde a antiguidade, mas ressalta que a palavra terrorismo nasceu com a Revolução Francesa, no período que ficou conhecido como Reino do Terror (1793-1794) comandado por Maximilien de Robespierre, líder dos jacobinos, quando milhares de pessoas foram mortas na guilhotina. Esse período constitui uma procedência importante para a compreensão do terrorismo contemporâneo em várias dimensões.

Para Florenzano (1987), a Revolução Francesa é vista como primeira grande expressão política do Iluminismo, salientando que esse ato revolucionário tomou grandes dimensões durante a Idade Moderna e nos séculos posteriores, sendo que, ela é vista como exemplo para todas as manifestações revolucionárias que surgiram posteriormente. Dessa forma, é de suma importância destacar o contexto histórico da França no período da Revolução.



Figura 9 – Pintura de EugèneDelacroix representando a Revolução Francesa.
Fonte: https://pt.wikipedia.org

Como acrescenta Florenzano (1987, pg. 14), "A França era uma monarquia absoluta e centralizada, ou seja, um país onde o rei era considerado soberano absoluto do estado pela graça de Deus, suserano de todos os senhores do reino, "pai" de todos os franceses, possuindo um poder ilimitado".

> A Revolução Francesa não deve ser considerada apenas como uma revolução burguesa. Embora esta tenha sido a ideologia e a sua forma dominante, ela foi o produto da confluência de quatro movimentos distintos: uma revolução aristocrática (1787-1789), uma revolução burguesa (1789-1799), uma revolução camponesa (1789-1793) e uma revolução do proletariado urbano (1792-1794). [...] A revolta da aristocracia contra a monarquia absolutista [...] Foi o fato que criou as condições e a oportunidade para a burguesia tomar o poder. (FLORENZANO, 1987, p. 15-16).

Conforme Degenszajn (2006, p. 36), "No final do século XVIII, a França passava por um período de convulsões que culminou com a ascensão da burguesia ao Estado e a derrota do absolutismo, cujo processo teve seu auge no período de

dominação jacobina que ficou conhecido como o Terror". Para o autor os atos terroristas nessa conjuntura foram executados de forma vertical através do Estado.

Galito (2013), destaca que o Terrorismo de Estado está associado à Revolução Francesa e ao uso oficial que faziam da guilhotina, como meio para atingir um fim. De acordo com o autor, fica explícito que para compreender o terrorismo contemporâneo e necessário fazer uma análise sobre as práticas de terror no século XVIII, embora esteja ligada a Revolução Francesa, por conta da sua oficialidade esses atos não deram início nessa época, mas sim muito antes e podem ser datadas no início da era Cristã como mostrado no primeiro capítulo.

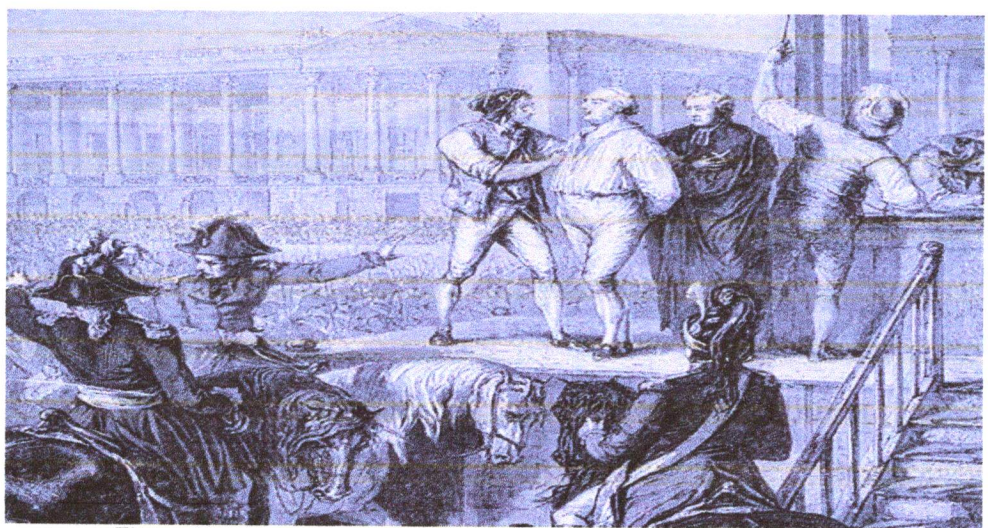


Figura10– Gravura mostrando o Rei Luís XVI diante da guilhotina.
Fonte:http://cafe-musain.blogspot.com

Em concordância Shilling (2003) aponta que, o terrorismo foi exercido verticalmente a partir do Estado, sobre a autoridade dos jacobinos, que agiram de forma implacável no Oeste francês, suprimindo as contrarrevoluções. E relata que na cidade de Nantes o braço do terror fez com que fossem afogados no Rio Loire aproximadamente três mil suspeitos de não aderirem à república, sem direito nenhum a defesa.

> Devido à lentidão da guilhotina, os suspeitos eram fuzilados aos magotes. Nestas operações de extermínio destacou-se Joseph Fouché, um terrorista que mais tarde seria o chefe de polícia do regime de Napoleão. Saint-Just, por seu lado, explicava as execuções: "é preciso governar com a espada os que não podem ser governados com a justiça". (SHILING, 2003, p.2)

O ilustre Hobsbawm (1995) enfatiza que, as pregações e as ações políticas dos jacobinos eram regadas de utopia, pois, ainda continuava na França uma grande desigualdade social, e o poder político praticado pelo Estado era assentado no terror e na guilhotina não foi capaz de promover a igualdade social.

Diante do perigo externo de guerra e da política de terror Florenzano (1987, p. 18) afirma que "Os jacobinos acreditavam que a única forma de salvar a Revolução era suspender a Constituição e constituir um órgão controlador de todos os poderes".



Figura 11 – Atos terroristas: Noite de terror.
Fonte: Getty Imagens

Em relação ao poder arbitrário de Robespierre, que não tinha limite, pactuou com a seguinte descrição de Shilling (2003) que destaca que o terror atingiu seu auge no verão francês de 1794, de 11 de junho a 27 de julho, o Tribunal Revolucionário expediu 1.376 condenações, só em Paris. Observa-se então que o terrorismo contemporâneo nasceu de uma ação do Estado contra seus cidadãos.

> Ainda, o direito de defesa foi suspenso, expandiu-se o conceito de suspeito, a massa foi recrutada, os produtos de primeira necessidade foram taxados e, em muitos casos, altas taxas eram cobradas aos ricos. Essas medidas e tantas outras geraram uma atmosfera de grande terror. O Terror jacobino corresponde a dois conceitos diferentes. O primeiro seria o de uma reivindicação popular pelo uso da violência contra os inimigos da Revolução. O segundo significa a organização e institucionalização de um conjunto de comitês repressivos sob o comando do Comitê de Salvação Pública – órgão executivo que controlava as decisões governamentais. (SOUBOL, 1974, p. 38).

Conforme Degenszajn (2006), em pleno término do século XVIII, foi inevitável a implantação do terror na política francesa, pois com a vitória dos jacobinos, o Terrorismo passou a fazer parte da política estatal negando os direitos básicos que antes tinha sido conquistado pela Revolução. E de acordo com Pompéo (2015), o reino de terror de Robespierre foi o primeiro organizado à nível de Nação por revolucionários que de fato ambicionavam o poder e enquanto governo punitivo que tinha o assassinato como a lei.



Figura 12 – Gravura expõe atos terroristas na Revolução Francesa.
Fonte: Getty Imagens

Como ressalta Degenszajn (2006 p.37), "Esse movimento do terrorismo que parte do Estado, na Revolução Francesa, e nas décadas seguintes transfere-se para uma prática contra o Estado, não é de forma alguma linear. Continuou se repetindo em ocasiões posteriores". O contexto geral relacionado à Revolução Francesa é de suma importância para compreender as ações políticas e sociais que ocorreram posteriormente, estas estão interligadas a esse processo revolucionário, onde se abriu espaço para montar um novo regime político, marcado pela ascensão burguesa.

Conforme destaca Schilling (2004), ainda na França durante o Consulado de Napoleão Bonaparte, Monarquistas que queriam a restauração do regime monárquico planejaram um atentado contra o cônsul que ficou conhecido como o atentado da Máquina Infernal.

Como aponta Schilling (2004), o ato ocorreu da seguinte forma: na noite de 24 de dezembro os monarquistas colocaram um tonel com pólvora e estilhaços em

uma carroça que estava estacionada na rua Saint-Nicaise programada para explodir quando Napoleão passasse. Por pouco não obtiveram sucesso, a máquina explodiu segundos depois da carruagem com o Consul ter passado em frente ao café Apollon. Toda via apesar de Napoleão não ter sido atingido, algumas pessoas morreram e outras ficaram feridas.

2.2.2 Atos de Terror: Movimentos revolucionários

No final do século XIX vários líderes de países e entidades foram assassinados por grupos e indivíduos que faziam uso frequente do terror,com objetivos revolucionários que mudaram o curso da História. Como aponta Magnoli (2008, p11), "Anarquistas, socialistas e nacionalistas foram os Grupos de terror daquela época". Esse movimento, mais comumente chamado por estudiosos de "terrorismo anarquista" surgiu na Rússia e espalhou-se para a Europa Ocidental, América e Ásia.

> Uma série de atentados anarquistas marcou as últimas décadas do século XIX. Neste período, uma minoria radicalizada de militantes anarquistas, acuados por uma série de políticas opressoras de governos europeus, decidiu recorrer ao recurso da "propaganda pelo ato", utilizando como estratégia de chamar atenção para suas causas e propagar as suas ideias tanto o assassinato de políticos específicos quanto o ataque a alvos coletivos. (DE PAULA, 2015, p.2).

De acordo com De Paula (2015), na Rússia dos czares, uma campanha de terror foi conduzida pelo grupo Narodnaya Volya (Vontade do Povo). O pequeno agrupamento anarquista acreditava que o assassinato das figuras de liderança do regime provocaria o caos e abriria caminho para a mudança revolucionária da sociedade. O autor destaca que a Rússia vivia sob um regime monárquico e os extremistas queriam um governo constitucional. Para isso executaram diversos ataques isolados na tentativa de matar o Czar Alexandre II.

Conforme destaca Altman (2012), o primeiro atentado contra Alexandre ocorreu em 20 de abril de 1879, onde um revolucionário extremista disparou cinco tiros em direção ao czar nas proximidades do palácio do governo russo. Mas Alexandre II escapou dos tiros. No mês de dezembro ainda em 1879 a organização perpetrou outro ataque ao czar explodindo um vagão do trem a qual ele viajava, mas também não obtiveram sucesso. Em outra tentativa, os anarquistas colocaram uma

bomba na sala de jantar do palácio, a explosão matou onze pessoas, mas não atingiu Alexandre II.



Figura 13 – O Czar Alexandre II.
Fonte: http://opiniaoenoticia.com.br

Após diversos ataques frustrados finalmente em 13 de março de 1881, descreve Magnoli (2008, p.11), "que num atentado a bomba contra a carruagem imperial, em São Petesburgo, o grupo conseguiu matar Alexandre II." O autor ainda conta que mais tarde, Lenin, o líder dos bolcheviques, classificou os terroristas como"pequenos burgueses" e explicou que suas ações não contribuíram em nada para a organização do proletariado.

> Quando os anarquistas promoveram manifestação em memória e defesa da luta da classe trabalhadora, passeata severamente reprimida pela polícia – seus líderes foram presos e o promotor Bulot atuou de maneira decisiva para que o presidente do tribunal, Benoit, os condenasse a uma longa pena. Comovido pelo caso, o tintureiro François Koenigstein, conhecido como Ravachol, decidiu se vingar e explodiu as casas dos dois agentes da lei francesa. Bulot e Benoit sobreviveram aos atentados que inauguraram um dos momentos mais peculiares daquilo que, ao longo da história, recebeu o nome de "terrorismo". (DE PAULA, 2015, p.1).

Segundo decorre De Paula (2015), apesar do atentado que levou a morte do Czar Alexandre II ocupar uma posição central, para ele, ao analisarmos esse período, a França ocupa um lugar particular. Pois foi um evento em Paris no dia 1º de maio de 1891 que fez explodir essa série de atentados que abalou primeiramente a própria França e posteriormente parte da Europa.

De Paula (2015) aposta que, a consequência desse evento de propaganda, foi o assassinato de sete líderes políticos por anarquistas. Inaugurando esse ciclo de mortes, o presidente francês Sadi Carnot morto em 1894; O primeiro ministro da Espanha Antonio Castillo morto em 1897; A imperatriz da Áustria Elizabeth Sissi morta em 1898; O rei da Itália Umberto I e o presidente dos Estados Unidos William McKinley mortos em 1901; O primeiro ministro espanhol José Canalejas morto em 1912, e o rei Georges da Grécia morto em 1913.

Parafraseando Vilela (2013), de todos os atentados ocorridos nesse período, o que teve maior consequência sem dúvidas foi de caráter nacionalista, o chamado Atentado de Sarajevo onde foram assassinados o arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono Austro-húngaro e sua esposa, no dia 28 de junho de 1914. Sendo esse o estopim da primeira Guerra Mundial, que é o maior acontecimento do século XX.



Figura 14- Velório de Francisco Ferdinand e sua esposa.
Fonte: https://chicomiranda.wordpress.com

Conforme Vilela (2013), o arquiduque e sua esposa foram mortos a tiros em Sarajevo, capital da Bósnia, por um jovem estudante nacionalista sérvio. O autor conta que em seguida a Áustria apresentou um ultimato à Sérvia exigindo uma resposta em 48 horas. Mas a Sérvia não aceitou os termos do ultimato, então sendo assim a Áustria que era aliada da Alemanha declarou guerra a Servia, que era aliada da Rússia, essa por sua vez, era aliada da França e da Inglaterra.

Ressalta ainda Vilela (2013) que, o assassinato do arquiduque acabou servindo de pretexto para que os países entrassem em guerra. Pois, ele aponta

que desde 1871, as potências europeias viviam em uma espécie de paz armada, onde todas estavam envolvidas em uma disputa por mercados consumidores, e por isso estavam numa corrida armamentista, fazendo enormes gastos militares para superar umas às outras em armamento. Como uma maneira de se protegerem, ou atacarem, no futuro próximo.

Ainda no final do século XIX, no sul dos Estados Unidos, nascia à seita terrorista KuKluxKlan, também de ordem nacionalista, onde um grupo de militares racistas, veteranos da guerra de secessão que lutaram pelo lado da confederação sulista, se uniu para persegui os negros. A Imagem do Líder do primeiro KuKluxKlan:

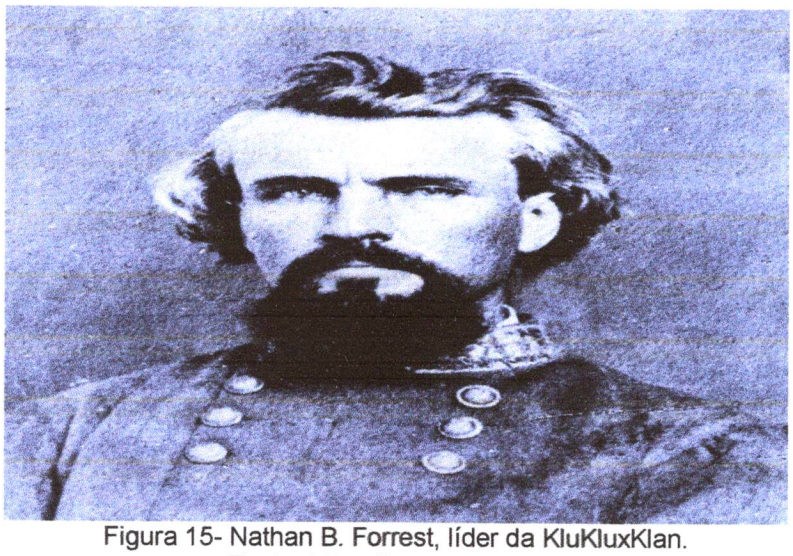


Figura 15- Nathan B. Forrest, líder da KluKluxKlan.
Fonte: https://www.ebay.com

Conforme aponta Altman (2010), os extremistas tinham como objetivo reverter ações progressistas do Governo Federal no Sul do país, que por meio de políticas públicas davam direitos a população afro-americana, em um plano conhecido como Era da Reconstrução. Ou seja, queriam impedir a integração social dos negros, lhes privando dos direitos concedidos a qualquer cidadão como o de ter como ter sua própria terra, ou mesmo de poder votar.

Conta Altman (2010) que, o ódio de seus membros para com os negros era tão grande que partiram para a violência física. Para aterrorizar as suas vítimas, eles se vestiam com roupões e capuzes brancos para que não fossem reconhecidos quando saíssem para agredir e linchar as suas vítimas, os negros.

De acordo com Altman (2010), o ex-general confederado Nathan Bedford Forrest foi o primeiro Grande Feiticeiro, título dado ao chefe da organização KuKluxKlan. E que conforme o autor, o mesmo no ano de 1869 tentou dissolver a organização criticando-a por sua excessiva violência, mas não obteve sucesso.

Utilizando-se da colocação de Altman (2010), somente em 1871 quando partidários republicanos de alguns estados sulistas se uniram para desmontar a organização, foi aprovada no congresso uma lei autorizando o presidente Ulysses Grant a usar força militar para reprimir a KuKluxKlan, resultando em centenas de prisões. Mas, conforme o autor em 1882, a Suprema Corte declarou a lei inconstitucional, mesmo assim a organização ia enfraquecendo paulatinamente.:



Figura 16- Membros da KuKluxKlan caracterizados
Fonte: https://es.wikipedia.org

Altman (2010) conta que, após algumas decaídas no século XX, o grupo experimentou alguns ressurgimentos. O autor aponta que o primeiro foi como resposta aos fluxos imigratórios dos anos de 1910 e 1920, e outro, em resposta ao movimento dos direitos civis dos afro-americanos nos anos 1950 e 1960.

Ainda de acordo com Altman (2010), os ataques violentos não se restringiam apenas aos negros, onde defendiam o que tinham por supremacia branca, eles também eram xenófobos, e atacavam a estrangeiros, a quem tinham grande aversão, já que também eram nacionalistas radicais. Contudo, o autor destaca que após a segunda guerra mundial, a organização foi estritamente proibida, embora exista na ilegalidade até aos dias atuais, mas bem longe da grandiosidade que tiveram um dia.

Conforme Magnoli (2008), no mesmo período do outro lado da Europa, nacionalistas irlandeses conduziam uma campanha de terror contra o domínio britânico sobre a Irlanda. Era o Exército Republicano Irlandês (IRA) que perpetuou a tradição do terror nacionalista irlandês ao longo do século XX.

De acordo com Cardozo (2007), o Exército Republicano Irlandês, mais conhecido como IRA era um grupo paramilitar católico que queria separar a Irlanda do Norte do Reino Unido e, reanexa lá à República da Irlanda. A autora destaca que o conflito na região do norte da Irlanda parte do século XII, quando o rei da Inglaterra Henrique II conquistou a ilha da Irlanda. Assim, o Estado que era oficialmente católico passou a ser dominado pelos ingleses protestantes.

> Todo o contexto conflituoso se agravou ainda mais quando foi instalada uma política de colonização na qual as terras da população católica foram distribuídas aos protestantes, em especial, no território do norte da Irlanda. Além de terem suas terras confiscadas, a população católica era discriminada pelos protestantes e submetida a leis de segregação, sendo, por exemplo, obrigada a viver nos bairros mais precários da região, que são separados por muros e arames farpados. A divisão territorial da Irlanda e a desigualdade religiosa foram causas de inúmeros conflitos na região. A minoria católica reivindicava a reunificação e a independência do país, enquanto a maioria protestante lutava para que a região permanecesse sob o domínio da coroa inglesa. (CARDOZO, 2007, p.1)

Segundo Cardozo (2007), o IRA surge no início do século XX após muitos conflitos e acordos de paz não cumpridos entre católicos e protestantes, com o objetivo de ter a autonomia do território da Irlanda do Norte. Para tal o grupo paramilitar praticava atentados a bomba e ataques armados contra civis e militares protestantes, e por isso é classificado como um grupo terrorista.

De acordo com Cardozo (2007), um dos principais ataques lançados pelo IRA foi à explosão de 22 bombas na cidade de Belfast, onde ele aponta que nove pessoas morreram e centro e trinta ficaram feridas. O autor destaca que o episódio recebeu o nome de "Sexta-feira Sangrenta", e foi uma resposta ao atentando que ficou conhecido como "Domingo Sangrento", onde 14 irlandeses católicos foram assassinados por protestantes alguns meses antes.

Cardozo (2007) destaca que, o grupo paramilitar representava para a minoria católica, a única força de proteção contra o governo inglês e ataques de protestantes. E que durante décadas de conflitos, ocorreram aproximadamente 3.500 mortes por atentados na Irlanda.

Contudo, a partir de 1990 começaram as negociações de paz, e em 1998 as duas partes assinaram o Acordo de Ulster, que dava mais autonomia à Irlanda do Norte. Ainda no mesmo ano, o IRA anunciou que não usaria mais armamentos, porém o grupo só desistiu dos ataques armados em 2005, afirmando que ainda lutaria pela independência, mas somente por meios políticos.



Figura 17- Membros do Exército Republicano Irlandês- IRA.
Fonte: https://br.pinterest.com

Conforme Cardozo (2007), outra organização paramilitar europeia que reivindicava domínio de território no continente era a Pátria Basca e Liberdade, conhecida também como ETA, foi criado em 1959 por membros do Partido Nacionalista Basco. Visto que, o grupo separatista defendia a criação de um Estado basco independente da Espanha.

> O lema do ETA [...] usar de medidas políticas e militares para lutar pela independência da região basca. O ETA também protestava contra a ditadura do general Francisco Franco, da Espanha, que proibia qualquer demonstração de nacionalismo basco. Inicialmente, a ideia central do ETA era propagar os princípios e a cultura do povo basco como meio de alcançar seus objetivos. Entretanto, durante a ditadura franquista, o grupo foi coagido e impedido de manifestar seus ideais políticos, o que o fez optar pela luta armada. Dessa forma, o ETA passou a ser considerado como um grupo terrorista. (CARDOZO, 2007, p.2)

Condizente com Cardozo (2007) a partir de 1975, com a morte do ditador Franco, a constituição espanhola deu autonomia a região basca, que passou a ter parlamento, polícia e governo próprio. Ainda assim, o ETA continuou com seus ataques terroristas exigindo a total independência do País Basco, com a criação

doseu Estado. A autora destaca que durante décadas de confrontos os atentados mataram mais de 800 pessoas. E somente em outubro de 2011, onde já bastante enfraquecido, o grupo anunciou o fim de todas as suas atividades militares.

2.2.3 Conflito Israel- Palestina

Aponta Smith (2008) que, desde que terminou a segunda Guerra mundial, o oriente médio viveu apenas um ano sem conflito armado: 1947. A partir daí transformou-se na região mais explosiva do mundo por conta da rivalidade entre árabes e judeus. O autor ressalta ainda, que a mesma se destaca globalmente por seus confrontos bélicos, tanto que durante a guerra fria eles levaram as superpotências à beira do conflito nuclear. Já que indiretamente a União Soviética e os Estados Unidos se envolveram no conflito prestando apoio a um dos lados. Sendo de suma importância então conhecer o contexto desta rivalidade, pois foi em nome desta, que grupos realizaram confrontos e foram inspirados a levar para os EUA e Europa o terrorismo em larga escala.

Conforme Carlos (2003, p. 97) "Há uma dimensão palestina em qualquer questão árabe, envolvendo "direitos divinos", com lugares santos do judaísmo, islamismo e cristianismo, retrata o confuso e violento mosaico do Oriente Médio". Ou seja, a briga interminável entre palestinos e Judeus que deu origem a diversos conflitos pelo Oriente Médio, é pelo controle destes lugares santos, como Jerusalém, a quem os dois povos consideram como sua capital sagrada.

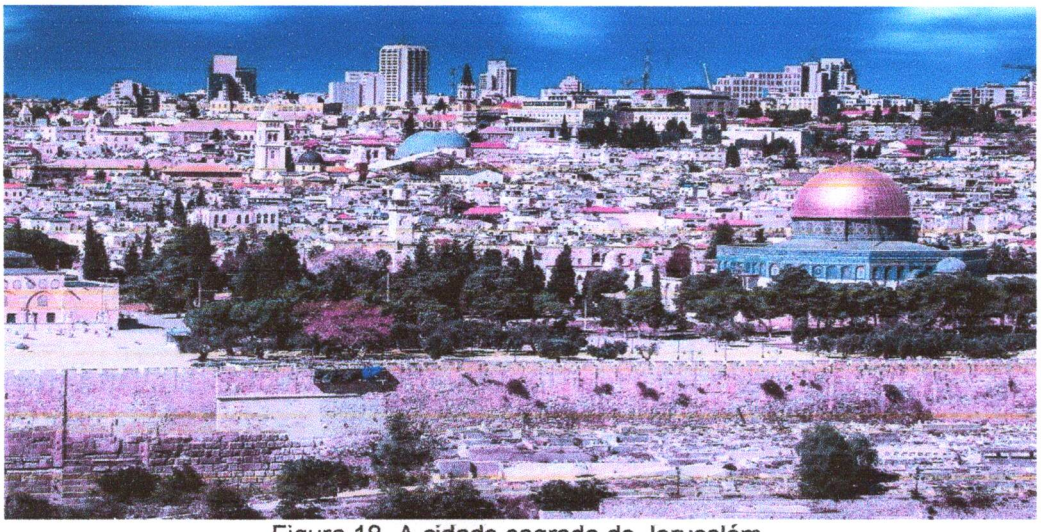


Figura 18- A cidade sagrada de Jerusalém.
Fonte: https://www.portalt5.com.br

De acordo com Carlos (2003), os primeiros choques entre os dois povos se deram após a colonização judaica e sionista da Palestina, onde houve sete confrontos sangrentos entre os anos de 1886 a 1905. Para o autor, judeus cometeram um grave erro migrando para a região em busca de um lar nacional, ao se entenderem com os turcos do Império Otomano que detinham o controle da Palestina, em vez de procurar ter feito algum tipo de aliança com os árabes que estavam estabelecidos ali, a quem ele credita como os verdadeiros donos daquele território.

Descreve Smith (2008) que o significado dessa migração e suas possíveis consequências começaram a tomar forma com a queda do Império Otomano, com a Palestina passando ao controle Inglês. Ele ressalta que se começou então a formulação de planos para se refazer o mapa do Oriente Médio, com o movimento sionista se tornando cada vez mais expressivo. Dessa forma, em concordância destaca Carlos (2003) que, a grande conquista do movimento foi quando a federação sionista britânica presidida por Lord Rothischild, conseguiu em 1917, por meio da Declaração Balfour, a promessa de que os judeus ganhariam um lar nacional, e que este seria na Palestina.

> De tempos em tempos, tanto políticos britânicos quanto líderes judeus declaravam que judeus e árabes podiam e iriam conviver pacificamente. Em 1917 a declaração Balfour incluía o "entendimento" de que "nada se fará que possa prejudicar os direitos civis e religiosos das comunidades não-judaicas existentes na Palestina". Mas os sionistas não queriam simplesmente um lugar onde os Judeus pudessem viver; eles queriam um Estado judaico, e isso tornava irrealistas as esperanças de cooperação indolor e pacífica. (SMITH, 2008, p.36)

De acordo com Carlos (2003, p. 98) "A emigração aumentou. Com o nazismo, a ocupação da Europa por Hitler e o Holocausto, a comunidade judaica lançou-se na construção de um Estado", ou seja, por conta da ascensão do nazismo e da exacerbação do antissemitismo, judeus de todas as partes do mundo começaram a migrar para a Palestina.

Conforme Smith (2008), em fevereiro de 1947 a Grã-Bretanha encaminha a questão da Palestina à ONU, e em outubro do mesmo ano, a ONU vota pela partilha da Palestina em dois estados separados, um judeu e um palestino, e que Jerusalém teria uma administração internacional. Destacando que essa resolução nunca foi

implementada por completo, pois ainda não existe um Estado Palestino até os dias atuais:

> 14 de maio de 1948, após a retirada do último soldado Inglês, é proclamado o estado de Israel. Em 15 de Maio começa a primeira Guerra Árabe-israelense, Os Judeus, mais bem armados vencem facilmente os árabes, a guerra tem seu fim em 1949, mesmo ano em que Israel se torna membro da ONU. O parlamento e o governo de Israel se transferem então para Jerusalém. [...] Em 1964 é estabelecida a Organização Para a Libertação da palestina (OLP), organização disposta a destruir Israel por meio da luta armada. (SMITH, 2008, p.38).

Descreve Smith (2008) que, para os judeus a proclamação do estado de Israel marcou a realização de um sonho e o estabelecimento de uma pátria onde poderiam sobreviver após o holocausto. Enquanto que para os palestinos esse acontecimento é considerado uma catástrofe, pois as guerras que se sucederam alteraram a Geografia em favor de Israel, que se apoderou de mais terras e de toda Jerusalém, expulsando os palestinos de seus territórios, tornando-se o grupo de maiores refugiados do mundo.

Afirma Carlos (2003, p. 99) que, "Israel nasceu debaixo de ódio dos países árabes, que não aceitaram a partilha feita pela ONU". Dessa forma, se reuniram em coalizões para atacar Israel desde a sua fundação. Mas Smith (2008, p.54) ressalta "que nem a guerra convencional nem a guerrilha conseguiram destruir ou mesmo enfraquecer Israel, o que fez alguns grupos palestinos recorrerem ao terrorismo".

> O terrorismo deitou raízes no conflito que desenrola até hoje em Israel/ Palestina. O movimento de resistência nacional palestina articulou-se em 1964 na Organização de Libertação da Palestina (OLP), que abrange diferentes facções e funcionou como cobertura para agrupamentos terroristas. Um deles, o Setembro Negro, praticou um dos mais trágicos atentados da história: o Massacre de Munique de 1972 (MAGNOLI, 2008, p.13)

De acordo com Neto (2007), o clima das olimpíadas era de grande celebração, e a Alemanha queria aproveitar para apagar marcas do passado nazista, afinal fazia três décadas que o país havia sido palco de um extermínio em massa de judeus. O autor destaca que a Alemanha chamava o evento de "As Olimpíadas da paz" e queria que tudo acontecesse nas Olimpíadas de Munique, menos uma tragédia envolvendo atletas judeus.

Conforme Neto (2007) foi exatamente o que aconteceu quando terroristas do Setembro Negro elegeram atletas da delegação de Israel como alvo. Segundo o autor o grupo ganhou este nome para lembrar os mortos de um massacre de palestinos ocorrido na Jordânia em setembro de 1970. Por coincidência o ataque de Munique ocorria num setembro. Ele atribui o sucesso do ataque, a falha da organização do evento que relaxou na segurança, pois não havia policiais armados na Vila Olímpica.

> 4h15 da manhã do dia 5 de setembro. Oito terroristas palestinos entram na Vila Olímpica com uniformes de atletas. Carregam nas bolsas oito rifles AK – 47 e dez granadas. Tinham sido treinados em campos de refugiados no sul do Líbano – e também da Líbia. O que eles trazem além de armas? Sede de vingança contra Israel. Consideram- se historicamente injustiçados. Israel ocupara territórios palestinos depois da Guerra dos Seis dias em 1967.[...] Os terroristas vão direto para o alojamento dos atletas israelenses[..] pedem a libertação imediata de 236 prisioneiros – a maioria, palestinos encarcerados em Israel. Querem também um avião que os leve até um país árabe. Dizem que, se as exigências não forem atendidas, vão matar um refém israelense a cada 60 minutos. (NETO, 2007, p.145)

De acordo com Magnoli (2008, p. 13), "A carnificina ocorreu no aeroporto, quando os sequestradores tentavam embarcar numa aeronave com seus reféns e realizou-se uma fracassada tentativa de resgate." Enfatiza Neto (2007) que, em meio ao fogo cruzado, os terroristas fuzilam os atletas israelenses, que estavam amarrados uns aos outros, em dois helicópteros. Ressaltando que o "teatro dos horrores" se completa, quando um dos terroristas joga uma granada dentro de um dos helicópteros, e os atletas morrem fuzilados e queimados.

Descreve Neto (2007, p.156) que, "Quarenta dias após os ataques, os terroristas sobreviventes são trocados por passageiros de um avião alemão que tinha sido sequestrado". O autor diz que rapidamente os terroristas foram retirados das prisões em que se encontravam e levados para o aeroporto de Munique. Ainda de acordo com o autor, os terroristas sobreviventes foram recebidos como heróis na Líbia e deram declarações por meio de entrevistas que haviam conseguido o que queriam: que o mundo olhasse para os palestinos.

De acordo com Magnoli (2008, p. 14), a reação de Israel foi imediata, durante cerca de duas décadas de uma operação de vingança batizada pelo governo de Israel de a "Ira de Deus". Os serviços secretos israelenses executaram militantes e colaboradores palestinos envolvidos direta e indiretamente no Massacre de Munique.

Parafraseando Magnoli (2008), o movimento de Resistência Islâmica (Hamas), um grupo fundamentalista islâmico organizado em 1987 nos campos de refugiados palestinos, foi outro grupo que conduziu e conduz diversos atentados suicidas contra alvos israelenses e usa como justificativa para seus ataques indiscriminados contra civis, a caracterização de Israel como uma "sociedade militarizada". O autor ressalta ainda que, diferente da OLP, que defende um acordo de paz para divisão do território entre a Palestina e Israel, o Hamas luta pela total extinção de Israel, e desde 2006 o grupo é a principal corrente política entre os palestinos.



Figuras 19- Militantes do Hamas
Fonte: https://www.france24.com

Conforme Smith (2008), a questão palestino-israelense se reduz essencialmente à questão da terra, de quem pode viver nela e quem controla o seu uso. Para ele o que é incontestável dentro dessa história de conflitos entre judeus e palestinos, é que os dois lados usaram e usam de uma violência assustadora, um contra o outro, e que não só os combatentes, mas também os cidadãos comuns têm sofrido.

3. METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

De acordo com Chizzotti (2008), quando se fala em pesquisa, sabemos que o fator primordial para exercer tal tarefa é o pesquisador. Visto que, o mesmo é a parte fundamental para a realização da pesquisa, e a pessoa responsável por todos os passos metodológicos para se chegar à solução do problema proposto. Dessa forma, o mesmo está disposto a assumir todas as responsabilidades e, ao mesmo tempo, ter uma postura imparcial para coletar as informações que serão observadas e analisadas ao longo do trabalho, sem antecipar opiniões e nem se deixar influenciar por aparências, chegando ao resultado esperado.

> A pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem. Para esta atividade, o investigador recorre à observação e à reflexão que faz sobre os problemas que enfrenta, e a experiência passada e atual dos homens na solução destes problemas, a fim de munir-se dos instrumentos mais adequados à sua ação e intervir no seu mundo para construí-lo adequado à sua vida. Nessa tarefa, confronta-se todas as forças da natureza e de si próprio, arregimenta todas as energias da sua capacidade criadora, organiza todas as possibilidades da sua ação e seleciona as melhores técnicas e instrumentos para descobrir objetos que transforma os horizontes da sua vida. Transformar o mundo, criar objetos e concepções, encontrar explicações e avançar previsões, trabalhar a natureza e elaborar as suas ações e ideias, são fins subjacentes a todo esforço de pesquisa. (CHIZZOTTI 2008, p. 11).

A metodologia da pesquisa foi baseada na classificação científica de Chizzotti (2008), o qual diz que a pesquisa reconhece o saber acumulado na história humana e se investe do interesse em aprofundar as análises e fazer novas descobertas em favor da vida humana. Preconiza que a ciência é uma e que os fatos humanos e sociais não diferem dos fatos das ciências da natureza. Explica ainda que o mesmo modelo de pesquisa das ciências naturais deve servir para legitimar as afirmações cientificas das ciências do homem.

Para Xavier (2010), a pesquisa em seu aspecto geral é o fator principal para realizar um trabalho de estudo cientifico, sendo de suma importância concretizar o estudo com bases bibliográficas onde o pesquisador se torna informal mediante as opiniões dos autores e dos entrevistados. Dessa forma, os métodos adotados na pesquisa fundamentaram para materializar a monografia.

Ressalta Chizzotti (2008, p. 11) que, "Precisamos partir da compreensão de que Metodologia Científica é a disciplina que "estuda os caminhos do saber", entendendo que "método" representa caminho, "logia" significa estudo e "ciência", saber". Ou seja, são procedimentos que precisamos aprender para realizarmos um trabalho científico. De acordo com o autor, a análise do trabalho científico se consolida progressivamente através de um conjunto de procedimento ou método científico que ajudam na compreensão da realidade social do problema a ser investigado. Ressaltado que esses métodos são os caminhos que levam a explicação do fenômeno e a construção do conhecimento.

De acordo Severino (2007, p. 117) diz que, "A ciência se constitui aplicando técnicas, seguindo um método e apoiando-se em fundamentos epistemológicos. Tem assim elementos gerais que são comuns a todos os processos de conhecimento que pretenda realizar, marcando toda atividade de pesquisa". Xavier (2010, p.36-37) também acrescenta "Método é uma forma de ordenar e organizar etapas de uma ação para atingir um objetivo específico. Toda ação humana tem um método, um modo de fazer, ainda que inconsciente e pouco produtiva".

> A ciência utiliza-se de um método que lhe é próprio, o método científico, elemento fundamental do processo do conhecimento realizado pela ciência para diferenciá-la não só do senso comum, mas também das demais modalidades de expressão da subjetividade humana, como a filosofia, a arte, a religião. Trata-se de um conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que permite o acesso às relações causais constantes entre os fenômenos. (SEVERINO, 2007, p. 102).

A metodologia utilizada nesse estudo foi a pesquisa bibliográfica qualitativa, sendo que esta não se refere a resultados de representações numéricas, mas sim a visão de autores renomados na área, sobre o tema abordado. Foram usadas como fontes de exploração bibliografias que aprofundam o trabalho em questão. Sendo assim, para a coleta de dados utilizou-se a pesquisa bibliográfica, aquela que se desenvolve tentando explicar um problema a partir das teorias publicadas em diversos tipos de fontes: livros, artigos, manuais, enciclopédias, meios eletrônicos, etc.

Para Severino (2007), a pesquisa bibliográfica pode ser realizada com diferentes fins: para ampliar o grau de conhecimento em uma determinada área; para dominar o conhecimento disponível e utilizá-lo como base na construção de um

modelo teórico explicativo de um problema e para descrever ou sistematizar o estado da arte, daquele momento, pertinente a um determinado tema.

De acordo com Chizzotti (1991), a pesquisa qualitativa utilizada neste estudo se aplica a investigação de fatos relevantes a construção do conteúdo exposto, levando em consideração as justificativas que impulsionaram o desenvolvimento do tema estudado, observando a realidade detalhada que não pode ser quantificada. As principais características da pesquisa qualitativa vêm a ser a formulação e delimitação do problema, que seguem a ordem das ações de descrever, compreender e explicar, tratando de respeitar suas orientações teóricas e sempre observando os limites da pesquisa para a busca por resultados mais confiáveis possíveis.

Dessa forma, após delimitar o tema buscou-se por esses escritores formadores de opiniões sobre a "Guerra ao Terror", e utilizou-se dos três tipos fontes da pesquisa bibliográfica: as fontes primárias, as fontes secundárias e as fontes terciárias. De acordo com Pizzani; Silva; Bello; Hayashi (2012, P. 58), "As fontes primárias contêm os trabalhos originais com conhecimento original e publicado pela primeira vez pelos autores. São as teses universitárias, livros, relatórios técnicos, artigos em revistas científicas, anais de congressos". Ainda na visão deles:

> Denominam-se fontes secundárias os trabalhos não originais e que basicamente citam, revisam e interpretam trabalhos originais. São exemplos de fontes secundárias os artigos de revisão bibliográfica, tratados, enciclopédias e os artigos de divulgação. As fontes terciárias contêm índices categorizados de trabalhos primários e secundários, com ou sem resumo. São as bases de dados bibliográficos, os índices e as listas bibliográficas. (PIZZANI; SILVA; BELLO; HAYASHI, 2012, p. 58).

Esta pesquisa, sendo História cronológica de eventos, todas as fontes pesquisadas são de autores renomados sobre o tema abordado. Sendo assim a metodologia adotada foi à pesquisa bibliográfica, que fundamentou o trabalho com diversos autores renomados.

Boccato (2006, p. 266) diz que, "A pesquisa bibliográfica qualitativa busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas". Ainda com base na linha de pesquisa de Boccato (2006, p. 266) afirma que, "Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica".

Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação. Portanto, a pesquisa bibliográfica qualitativa é uma etapa fundamental para qualquer trabalho acadêmico, pois é a partir dela que o pesquisador terá base para sustentar sua tese, aprofundando e relacionando ideias aos autores que optou para sua pesquisa.

3.2 AMBIENTE DA PESQUISA

Os acontecimentos detalhados nesta pesquisa tiveram como protagonistas os Estados Unidos da América e alguns países do Oriente Médio. De acordo com Ferreira (2013), o EUA está localizado na América do Norte, com o seu território ocupando 22,2% da América. Ele é o quinto país mais extenso do mundo, e politicamente se divide em 50 estados autônomos – 49 continentais, incluindo Alasca, além do Havaí e o Distrito de Colúmbia. O autor ressalta que, com um PIB (produto interno bruto) de mais de 16 trilhões de dólares em 2013, e uma população estimada em mais de 300 milhões de habitantes, os Estados Unidos exercem grande influência econômica, política, militar e cultural em todo o planeta.

Conforme destaca Ferreira (2013), o atual território dos EUA foi inicialmente ocupado por indígenas. A partir da chegada dos primeiros colonizadores no século XVI esses povos começaram a sofrer com um intenso processo de extermínio. Entretanto, somente no início do século XVII vão ser formadas as treze colônias que dão origem aos Estados Unidos através do processo de colonização Inglesa na América do Norte. O autor ressalta que a independência americana foi declarada em 4 de julho de 1776, mas que tiveram que lutar por ela. O primeiro presidente dos EUA foi George Washington, atualmente é Donald Trump.

A Língua mais falada é o Inglês, e a moeda utilizada é o chamado dólar americano, outra curiosidade é que a maior cidade do mundo fica nos Estados Unidos, Nova York, que conta com uma população de mais de 8 milhões de pessoas. É nela que se encontram os maiores pontos turísticos do país como a Estátua da Liberdade, a Central Park e a Times Square.



Figuras 20- Estátua da Liberdade
Fonte: https://exame.abril.com.br

Conforme Smith (2008), o Oriente Médio também é uma imensa variedade e diversidade, ainda que muitas vezes, as pessoas que não conhecem a região não o percebam. E isso se deve segundo o autor ao fato de que o que se vê a distância e que é frequentemente divulgado é uma visão bastante genérica. Smith (2008, p. 113) ressalta que "Oriente Médio está unido pelas várias influências históricas, religiosas, culturais, econômicas, e políticas que lhe deram forma."

O Oriente Médio tem cerca de 350 milhões de habitantes dos quais 240 milhões são árabes, entre os outros grupos populacionais os maiores são os persas, berberes, curdos e judeus.

Conforme Smith (2008), algumas das primeiras cidades surgiram no Oriente Médio em certos casos a quatro mil, cinco mil anos. Também estão ali os lugares de origem das três grandes religiões do mundo: o judaísmo cristianismo e o Islamismo. O autor aponta que em diferentes épocas, o Oriente médio deu origem ou tornou-se possessão de grandes impérios em todas as partes da região, o passado importante tanto nas tradições vivas que moldam o cotidiano quanto nas histórias de poder e conflito que varreram o Oriente Médio e deixaram marcas. Os argumentos pró e contra usados em algum dos conflitos atuais são constantemente discutidos em termos que remontam ao passado distante, até mesmo dois mil anos.

De acordo com Smith (2008), um dos importantes pontos a se destacar sobre o Oriente Médio é a religião onde cerca de 90% da população do Oriente Médio é muçulmana, no entanto ressalta o autor que está longe de ser uma fé monolítica. A divisão entre xiitas e sunitas remonta as décadas subsequentes à morte do profeta

no século VII. Ainda que não disponha de estatísticas confiáveis no cálculo crível aponta que 65% dos muçulmanos do Oriente Médio são sunitas e os 30% xiitas ocorrem a divergências também entre xiitas e a outros grupos mulçumanos que se distingue das duas vertentes principais.

Sendo Palco de muitos conflitos outra questão a se pautar sobre esta região é a questão política. Como posiciona Smith (2008), a religião e a política do Oriente Médio estão imbuídas de uma importância mais profunda e mais ampla porque ali nasceram três das religiões mundiais. Sendo esta segundo o autor a atração que os conflitos do Oriente Médio exercem sobre as atenções do mundo aspectos provavelmente isso deve tanto ou mais a religião do que qualquer outro fator.

Segundo Smith (2008), algo que poucos sabem no Ocidente é que alguns países do Oriente Médio como: Israel, Jordânia, Líbano, Líbia, e vários estados da península arábica são tão urbanizados quanto os Estados Unidos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 O FRACASSO DA "GUERRA AO TERROR" E A ASCENSÃO DO GRUPO EXTREMISTA ESTADO ISLÂMICO. (2001- 2014)

4.1.1 A organização terrorista Al - Qaeda

De acordo com Magnoli (2008), dentre os conflitos e tensões de ordem geopolítica que ocorreram constantemente nos últimos trinta anos no Oriente Médio, o Afeganistão ocupa um lugar de destaque na origem do que diz respeito ao terror jihadista. Pois segundo o autor, esse movimento nasceu da organização dos Mujahedin, afegãos também conhecidos como, "guerreiros da fé" que lutaram pelo que chamavam de "guerra santa" contra a ocupação soviética no Afeganistão.

> Nos dez anos da guerra do Afeganistão, as forças soviéticas e o governo de Cabul enfrentaram os Mujahedin afegãos, que tinham assistência financeira e militar dos EUA, e da Grã-Bretanha, da China e do Paquistão. [...] Quando a URSS se retirou do Afeganistão, a mídia saudita saudou esses "guerreiros da fé" como heroicos vencedores de uma épica jihad. Em Peshawar e nas cavernas do Afeganistão, Bin Laden construiu sua organização jihadista e adquiriu, aos olhos de uma parcela significativa da opinião árabe, a estatura de um mito. (MAGNOLI, 2000, p. 37)

Ressalta Neto (2007), Bin Laden, treinado pela CIA, lutou no Afeganistão para libertar o país das tropas estrangeiras, mas quando voltou para a Arábia Saudita, viu que havia bases americanas lá, justamente no país em que ele nasceu. Então qual era a diferença? O que ocorria no Afeganistão era uma ocupação soviética. No país Saudita a ocupação é americana. Feita as contas, ele sentia que tinha sido traído pelos americanos. Para ele, os americanos estavam fazendo na Arábia Saudita a mesma coisa que os soviéticos tinham feito no Afeganistão.

Segundo Degenszajn (2006), alarmado com a implantação de bases americanas no que ele chama de "Santuário do Islã", pois é na Arábia Saudita que estão localizadas as duas cidades mais sagradas para os mulçumanos: Meca e Medina, ao mesmo tempo em que o país saudita é também detentor das maiores reservas de petróleo do mundo; ainda o apoio dos EUA a Israel na questão da Palestina. Para o autor foram essas as combinações que fizeram com que Bin Laden inicia-se uma jihad moderna contra o ocidente, baseada numa visão extremista do Islã de que os infiéis deveriam ser expurgados do mundo.

> O primeiro atentado conduzido pela Al quaeda contra um alvo americano constituiu na explosão de bombas num hotel de Áden, no Iêmen, no final de 1992, que pretendia atingir soldados americanos em rota para a Somália. O ataque atingiu apenas um funcionário e dois turistas, pois os soldados estavam em outro hotel. Meses depois, o Kuwaitiano RamziYoursef cometeu o primeiro atentado contra o World Trader Center em Nova York, atingindo a garagem subterrânea da Torre um com um caminhão carregado de explosivos. As fundações resistiram, mas seis pessoas morreram e mais de mil ficaram feridas. (MAGNOLI, 2008, p. 45)

Para Magnoli (2008), o caminho para do 11 de setembro, foi traçado pela fatwa (sentença de direito islâmico, proferida por estudiosos islâmicos reconhecidos) emitida em conjunto por Bin Laden e Al- Zawahiri em fevereiro de 1998. Intitulada de: "Frente Islâmica Mundial contra os Judeus e os Cruzados". O autor ressalta que essa fatwa, transmitia aos fiéis a ordem de matar americanos e seus aliados, fossem eles militares ou civis, em qualquer parte do mundo, e que tinha como finalidade libertar a mesquista de Aqsa em Jerusalém, e a mesquista sagrada em Meca.



Figuras 21- Meca, na Arábia Saudita. A cidade sagrada dos Mulçumanos
Fonte: https://guiame.com.br

4.1.2 Ataques de 11 de Setembro e a declaração de "Guerra ao Terror"

Para Denaud (2003, p.7), "A virada do século XX trouxe para a humanidade, a esperança de que novos tempos estavam reservados para a civilização moderna". Finalmente após um período entre guerras e conflitos, a paz seria o componente fundamental para a tão almejada prosperidade das nações e por consequência uma melhor distribuição de renda. Mas então o mundo foi pego de surpresa com um caso bastante expressivo que jogou por água abaixo as esperanças por tempos melhores.

Descreve Rai (2003, p.27), "Numa manhã de terça feira, 11 de setembro de 2001, ocorreu o maior ataque terrorista da história. Que de um só golpe, provocaram 2.937 mortes." Essa ação causou perplexidade e sentimento de insegurança em todo o mundo. Afinal a maior potência mundial estava sob ataque, um duro golpe que revelava sua fragilidade, quando todos a julgavam como a intocável.



Figura 22- Atentado às torres gêmeas em Nova York
Fonte: https://tochanews.blogspot.com

De acordo com Neto (2007), o maior ataque terrorista de todos os tempos foi articulado por um punhado de jovens que gradualmente, desenvolveram um consumado ódio pelo Ocidente depois de terem se instalado na Alemanha. Lá os conspiradores do 11 de Setembro formavam um culto. E de acordo com autor o jovem Mohammed Atta era o líder.

> Mohammed Atta caiu nas graças de um recrutador da Al – Qaeda, a organização comandada por Bin Laden, em novembro de 1999, ele desembarcaria no Afeganistão, onde foi pessoalmente selecionado por Bin Laden para a missão suicida. Era preciso, primeiro, estar pronto para morrer em nome jihad, a guerra contra os "infiéis". Atta estava. Era preciso ter paciência, porque o ataque não poderia ser deflagrado da noite para o dia. Atta tinha toda a paciência. Era o militante perfeito: falava inglês e alemão com fluência. Conhecia o estilo de vida ocidental. Poderia atuar sem atrair suspeitas. Terminou levando uma vida dupla, estudante de arquitetura, enquanto tramava destruir símbolos do mundo moderno. (NETO, 2007, p. 48)

Neto (2008) conta que, a investigação oficial sobre o atentado interrogou Khalid Mohammed, que foi o homem que sugeriu à Al - Qaeda a operação com os aviões. Khalid informou que em apenas 10 minutos Bin Laden era capaz de avaliar um candidato ao martírio nos campos de treinamento do grupo, no Afeganistão.

Revelou ainda, que a maioria de sequestradores do11 de setembro foram escolhidos dessa forma, e que foi no país afegão que a lista de alvos foi elaborada.

Conforme Magnoli (2008), no dia 11 de Setembro de 2001, o mundo paralisou em frente às televisões, quando quatro aviões com passageiros foram sequestrados. Dois deles atingiram as duas torres de um dos principais símbolos dos EUA: o World Trade Center, em Nova York. O outro avião sequestrado atingiu a sede do departamento de defesa americana, o pentágono. E o quarto avião caiu na Pensilvânia quando estava sendo desviado para Washington. O autor diz, que as investigações deram conta de que os passageiros reagiram ao ataque e tentaram retomar o controle do avião, lamentavelmente não houve sobreviventes.

> O plano original – como informa, na página 154, a investigação oficial sobre o atentado, era grandioso: 10 aviões seriam sequestrados. Nove seriam lançados sobre alvos, que incluíam o world trade center, o pentágono, as sedes da CIA e do FBI, usinas nucleares e edifícios da Califórnia e do estado de Washington D.C. Khalid braço de direito de Bin laden ficaria responsável por pousar o décimo avião num aeroporto americano. Depois de matar todos os passageiros adultos masculinos a bordo, ele faria diante da mídia, um discurso atacando o apoio dos Estados Unidos a Israel e a governos repressores no Mundo Árabe – um espetáculo de destruição que teria Khalid com o auto escalado super terrorista. (NETO, 2007, p 50)

Como declara Denaud (2003, p. 7), "A maior nação do mundo, ferida, prometia uma retaliação histórica contra o terrorismo." Nesse contexto foi lançada a chamada "Guerra ao Terror" expressão utilizada por Bush, até então presidente dos EUA. Bush fez um discurso, e uma promessa aos americanos: iria usar todos os meios que fossem necessários para derrotar os terroristas. O autor ressalta ainda que aos governantes dos outros países ele declarou: "ou vocês estão conosco, ou estão contra nós". E em seguida fez um pedido de coalizão entre os Estados para derrotarem os terroristas.

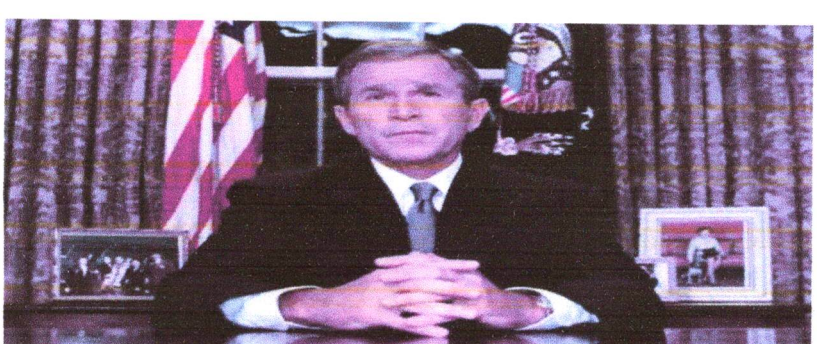


Figura 23- Bush se dirige a nação na noite do dia 11 de Setembro.
Fonte: https://www.movenoticias.com

Destaca Rai (2003) que, os atentados do 11 de setembro fizeram surgir espécies de leis antiterror, como a chamada Doutrina Bush: um documento com um conjunto de ações e princípios que seriam adotados pelos EUA para justificar as suas ações unilaterais no exterior. Os pilares centrais da doutrina eram: o chamado "eixo do mal"uma expressão de Bush para classificar países inimigos como a Coréia do Norte, Irã, Cuba e Iraque. E a controversa estratégia de "guerra preventiva" onde não seria preciso consultar a ONU ou qualquer outro órgão internacional, para o uso das forças armadas contra qualquer ameaça a segurança dos Estados Unidos.

4.1.3 As guerras no Afeganistão e no Iraque, pós 11 de Setembro

Para Denaud (2003), Os Estados Unidos ficou certamente chocado pelo que aconteceu no 11 de setembro. Mas, ele tece a crítica de que em vez de se estudar seriamente as razões que levaram pessoas até esse limite, até a morte para prejudicar os Estados Unidos dessa forma dramática, em vez de buscar as razões profundas, a América serviu-se desse acontecimento para iniciar novas operações de agressão, e isto segundo ele, por causa da avidez daqueles que governam os Estados Unidos.

Conforme Denaud (2003), determinado o alvo, os Estados Unidos se prepararam em tempo recorde para atacar o Afeganistão na busca dos responsáveis ou mentores do atentado terrorista. Segundo Rai (2003), a argumentação em defesa da guerra contra o Afeganistão baseava-se em dois motivos: o primeiro, de que haveria provas incontestáveis de que as atrocidades do 11 de setembro haviam sido organizadas por Osama Bin Laden; e a segunda, que não existiriam meios não violentos de capturara-lo. Para o autor nenhuma das razões se sustentavam e eram suficientes para a invasão.

> O presidente George W. Bush declarou: "Dei a eles uma chance justa." A verdade é que ele rejeitou qualquer negociação, assim como as opções não violentas à guerra. Em vez de dar publicidade e reforçar o acordo de extradição de Bin Laden, os norte-americanos e britânicos o ignoraram e podem mesmo ter colaborado para destruir a iniciativa de 1º de outubro. A mídia, por seu lado, omitiu as provas das propostas do Talibã de extraditar Bin Laden e distorceu a posição do Talibã, fazendo assim a guerra parecer natural e inevitável. E não era nem uma coisa nem outra (RAI, 2003, p. 94)

Destaca Rai (2003) que, a invasão do território afegão pelos americanos além de ter como objetivo combater o terrorismo, também buscava garantir os seus interesses econômicos e estratégicos. Denaud (2003) descreve que a máquina de guerra americana, com televisionamento em tempo real do mundo inteiro, conseguiu tirar o Talibã do poder e restabeleceu um novo governo onde as mais diversas tribos ocuparam posições.

Para Conaud (2003), a invasão americana destruiu o Afeganistão, que já era pobre e miserável, com seus bombardeios diários, devastando terras tornado-as improdutivas. Ressaltando ainda que até aquele momento Bin Laden não havia sido encontrado, mas milhares de prisões indevidas haviam sido feitas. Então o autor destaca que o mundo começou a perceber que os EUA estavam se lixando para as convenções e sim ditando as próprias regras. Quem não era a favor, se tornava inimigo.

> Com a guerra do Afeganistão os Estados Unidos construíram uma prisão em sua base em Guantanamo, Cuba para "combatentes Ilegais" condição não existente nas convenções internacionais. Esses prisioneiros não tomaram conhecimento formal de qualquer acusação contra eles e nem pensar em presença de advogados. ao longo do tempo as quantidades variavam pouco, 660 depois 680, menos 20, mais 30, uma Babel de 42 nacionalidades diferentes. (CARLOS, 2003, p.63)

Ressalta Rai (2003) que, as promessas feitas pelos EUA antes de iniciar a ocupação, de que o Afeganistão teria uma onda de prosperidade, jamais foram vistas, e ainda não aconteceram. Ele diz que os afegãos ficaram insatisfeitos quando não viram as promessas serem cumpridas, e muitos começaram a realizar atentados diários contra soldados americanos.

De acordo com Denaud (2003), o Afeganistão ficou ainda mais miserável, não havia desenvolvimento, a administração governamental implantada não tinha estabilidade. O autor aponta que o Afeganistão perdeu a segurança, perdeu a paz, colecionando um grande número de civis que foram mortos nesse conflito por soldados americanos. Conforme Carlos (2003) depois que passou a euforia da honra lavada em cima de um país onde uma meia dúzia de bombas teria resolvido o problema. Os EUA voltaram os olhos para o seu inimigo histórico: O Iraque, e o seu ditador Saddam Hussein.

Aponta Carlos (2003) que, menos de dois anos após a investida militar no Afeganistão, os Estados Unidos iniciaram com apoio do Reino Unido Espanha, Austrália, e Polônia invasão e ocupação Militar do Iraque, sem a aprovação da ONU e de outros organismos internacionais em 20 de março de 2003. A administração americana tentou logo estabelecer uma ligação entre o Iraque e aqueles que eram apontados como autores dos atentados de 11 de Setembro.

Segundo Rai (2003), além de alegar que o regime iraquiano tinha ligação com a Al- Qaeda, os Estados Unidos tentaram justificar também sua ofensiva militar no Iraque, com a acusação de que o país estava remontando seu programa de armas de destruição em massa, representando assim um perigo imediato para a segurança mundial. Mas conforme Denaud (2003) os inspetores da ONU foram até o Iraque e não acharam nenhum indício da presença ou produção de armas químicas e biológicas.

Observa Denaud (2003) que, a intervenção no Afeganistão tinha uma certa lógica, porque Bin Laden vivia lá, protegido pelos talibãs. Mas, se dirigir contra o Iraque, sem provas, sem nenhum elemento. Segundo o autor mostrava que existia algo de fictício, sugerindo que os americanos estavam se aproveitando da situação do dramático acontecimento que foi o 11 de Setembro, para atingir por meio de falsas acusações seus objetivos de hegemonia, de domínio e de controle do Oriente Médio.

> O fato é que Bush tinha decidido que os Estados Unidos não mais usariam seu poder como instrumento do status quo no Oriente Médio. Região cheia de petróleo, devia ser "repaginada" por meio de mudanças, se preciso à força, que atendessem mais aos interesses americanos. Saddam Hussein, sentado em cima da segunda maior reserva do mundo, tinha de cair fora. [...] A guerra tornou-se inevitável por causa do automóvel. Os Estados Unidos são viciados em gasolina e o Iraque pode até tornar-se o primeiro em reservas de petróleo se for confirmado o êxito de perfurações na parte sul, junto à Jordânia, a um pulo de Israel. É papelote que não acaba mais. (CARLOS, 2003, p. 47)

Conforme Denaud (2003), estava difícil convencer o mundo sobre ofensiva no Iraque. Então de acordo com o autor, a justificativa da vez, do governo americano para a guerra, é que através dela os EUA libertariam o Iraque da tiraria do ditador Sadam Hussein. Ressaltando que mesmo sem nenhuma prova, ou qualquer indício que o Iraque possuía armas de destruição em massa, sem o apoio da ONU e

demais órgãos internacionais, a coalizão encabeçada pelos EUA partiu pra guerra no Iraque.

Como afirma Magnoli (2008), a guerra começou 90 minutos depois do prazo dado pelo presidente Bush para Saddam Hussein deixar o poder. O que não aconteceu. Como destaca o autor, do primeiro bombardeio americano a Bagdá no dia 20 de março até a tomada final da capital iraquiana em 9 de abril, foram 21 dias de combate.

> Uma informação da Cia leva o governo americano a promover um ataque de decapitação; bombardeios são lavrados contra Bagdá; as tropas de coalizão começam uma excursão por terra pelo sul; as forças anglo-americanas lançam mísseis, e mil bombas são lançados em várias parte do território do Iraque principalmente em Bagdá. [...] o mais sangrento confronto acontece no sétimo dia no início da invasão, uma batalha feroz entre a sétima cavalaria e a Infantaria iraquiana que dura cerca de duas horas deixando centenas de mortos [...]. (NETO, 2007, p.57)

Descreve Neto (2007) que, os Estados Unidos e aliados foram obtendo o controle de cidade após cidade, e ao adentrarem em Bagdá primeiramente tomaram o aeroporto internacional no subúrbio da capital, o que permitiu a eles desembarcarem tanques e aviões das tropas da coalizão levando ao sucesso da operação que tomou completamente a cidade no vigésimo primeiro dia de conflito. O autor ressalta que então soldados americanos ajudaram cidadãos iraquianos a derrubar o símbolo do regime que estava cravado no centro da cidade.

De acordo com Neto (2007), Saddam Hussein e seus filhos conseguem fugir, ressaltando que somente em 13 de dezembro de 2003 é que conseguem capturar o ex-ditador, que estava dentro de um esconderijo subterrâneo perto de Tikrit cidade onde nasceu, que fica ao Norte do Iraque. Três anos depois, ele foi julgado e condenado a pena de morte por enforcamento.

Conforme Cockburn (2015), após derrotarem o regime de Saddam Hussein, a ocupação americana começou a iniciar processos democráticos para estabelecer um governo no Iraque. Contudo ao invés de finalmente libertar o Iraque levando democracia para aquele país como pregavam de justificativa para a Guerra, não conseguiram evitar a guerra civil sectária entre xiitas e sunitas iraquianos formado a partir do governo estabelecido sob o olhar dos americanos, fortalecendo a insurgência de grupos jihadistas.

> [...] os norte-Americanos destruíram o país a partir de 2003. Sob o governo de Maliki, dominado pelos xiitas, o apadrinhamento baseado em partido, família ou comunidade determina quem consegue um emprego, o que contribui ainda mais para a marginalização dos sunitas, iniciada após a queda de Saddam Hussein. Em 2005, os iraquianos foram às urnas para escolherem membros integrantes da nova assembleia constituinte [..]os conflitos civis entre os xiitas e sunitas tornava cada vez mais dificultosa qualquer tipo de estabilidade no Iraque (COCKBURN, 2015, p. 107)

Como explica Napoleoni (2015), a implementação violenta da democracia significou a inversão demográfica de poder no Iraque. A autora afirma que ela destruiu o que muitos sunitas iraquianos viam como seu direito de nascimento. Quando os americanos formaram o conselho de governo com 13 xiitas e apenas alguns sunitas, as pessoas começaram a dizer que os EUA queriam dar o país para os Xiitas, resultando numa grande insatisfação por parte dos sunitas por isso as tribos começaram a lutar e a deixar a Al-Qaeda entrar.

Cockburn (2015) retrata que, Barack Obama, que sempre foi contrário a guerra no Iraque, ganhou as eleições americanas em 2008 com a promessa de retirada das tropas americanas do país, e assim o fez, quando em dezembro de 2011 anunciou a retirada dos últimos soldados americanos do país. Com uma soma de 100 mil civis iraquianos, e pouco mais de 4 mil soldados americanos mortos desde o princípio da Guerra. Marcando assim o fim de quase nove anos de ocupação, deixando o Iraque em uma grave crise política. Ressaltando que meses antes no dia 02 de maio ele havia tido o maior feito de seu governo, conseguiu capturar e matar Osama Bin Laden que até então era considerado inimigo número um do EUA.

4.1.4 A Ascensão do Estado Islâmico

Conforme Napoleoni (2015), com a retirada precoce das tropas americanas do Iraque, o governo de Barack Obama permitiu o avanço e o crescimento do grupo terrorista Estado Islâmico, que logo começou a ficar conhecido por conta dos massacres cometidos contra as populações no Iraque sobretudo contra Xiitas e cristãos.

Descreve Cockburn (2015) que, na Síria após desertores formarem o exército livre da síria em 2011 para derrubar o Regime de Bashar al-Assad. Os EUA juntamente com a UE e a ONU pediram para que o ditador Sírio deixasse o poder, o que não foi atendido claramente. No ano seguinte começam a chegar ao país

diversos grupos jihadistas estrangeiros para lutar no conflito, uns em apoio ao regime e outros contra. Outro fato a ser destacado nesse âmbito é a coalizão formada pelas potências ocidentais em apoio aos rebeldes contra Assad, e em contrapartida a inimiga histórica dos EUA, a Rússia, que prima pela permanência de Assad no poder.

Nessa perspectiva é importante destacar, de acordo com Napoleoni (2015), que o EI foi formado a partir de dissidentes da Al- Qaeda, e ex-funcionários do regime de Saddam Hussein. Membros desse "novo grupo" despontaram do Iraque rumo à Síria, onde Barack Obama e aliados estavam fornecendo armas e treinamentos a rebeldes anti- Assad. E de acordo com Cockburn (2015, p. 49) "foi nesse campo de batalha que eles puderam lutar e florescer", infiltrados, recebendo esses armamentos e dinheiro para lutar contra o governo Sírio, aumentando seu poder de influência.

Por isso Cockburn (2015, p. 49) afirma que, foram os "Estados Unidos, a Europa e seus aliados regionais na Turquia, Arábia saudita, e Emirados Árabes que criaram as condições perfeitas para a ascensão do Estado Islâmico" Afinal, o estado Islâmico havia sido financiado por eles. Conforme o autor embora fosse claro, em 2012 que o regime de Assad não cairia, as grandes potências mantiveram a Guerra mesmo assim.

Por isso destaca Cockburn (2015, p. 50) que, "O Estado Islâmico é filho dessa guerra. Seus membros buscam redesenhar o mundo a partir de si mesmos, por atos de violência." Segundo o autor, através da combinação de suas crenças religiosas extremas com a capacidade militar, sendo no final, produto da Guerra no Iraque desde a invasão norte-americana em 2003, e da Guerra na Síria de 2011. Para ele um ponto cego para os EUA e outras potências ocidentais é seu fracasso em enxergar que apoiar o levante armado na síria, desestabilizou inevitavelmente o Iraque, e abriu uma nova rodada em sua guerra civil.



Figura 24- Presença Americana na Síria.
Fonte: https://www.emaisgoias.com.br/

A rápida ascensão do Estado Islâmico, depois que ele assumiu a liderança, foi em grande medida auxiliada pelo levante sunita na Síria como dito acima. E como afirma Napoleoni (2015, p. 81), "O movimento encorajou os seis milhões de sunitas no Iraque a agir contra a marginalização política e econômica que sofriam desde a queda de Saddam Hussein". O EI foi capaz de explorar o sentimento de alienação e perseguição entre muitos sunitas iraquianos, fazendo-os chegar à conclusão de que a única forma de sobreviver e mesmo vencer a luta pelo poder no Iraque era lutando no conflito de forma violenta, contra a hegemonia Xiita.

> Em janeiro de 2014, O Estado Islâmico tomou Fallujah pouco mais 60 km de distância de Bagdá, uma cidade cercada e atacada pelos marines norte-americanos,10 anos antes, num episódio que se tornou famoso. Em poucos meses eles também capturaram Mosul e Tikrit. As linhas de Fronteira podem continuar a mudar, mas será difícil reverter a situação global de seu poder. Com seu ataque rápido e multidirecionado de junho de 2014 os militantes do Estado islâmico superaram a al-Qaeda como mais poderoso e eficaz de grupo jihadista no mundo. (COCKBURN, 2015, p. 43)

Bem pontuado por Cockburn (2015), a ascensão do Estado Islâmico e o califado significou para os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e as outras potências ocidentais, o desastre final. Pois como analisa o autor, quaisquer que fossem seus planos na invasão do Iraque em 2003 e nos esforços para derrubar Assad na Síria desde 2011, eles não incluíam a criação de um Estado de jihadista abrangendo norte do Iraque e da Síria dirigindo por um movimento 100 vezes maior muito melhor organizado do que a Al-Qaeda de Osama Bin Laden. Concluindo que a guerra contra o terror, em nome da qual as liberdades civis foram golpeadas e centenas de bilhões de dólares gastos, e milhares de vidas perdidas, fracassou miseravelmente.



Figura 25- Membros do Estado Islâmico.
Fonte: https://www.politize.com.br

Como afirmava Anderson (2003), à guerra travada pelos EUA e a audácia de querer por meio desta mudar o regime e estabelecer uma democracia no Iraque, teria desfechos e consequências graves. Como ele previu, houve sérias divisões sociais entre os vários grupos étnicos do Iraque, levando a conflitos e terrorismos civis, enraizando e propagando o fundamentalismo islâmico pelo Iraque. Como frisa Napoleoni (2015), as guerras travadas no Afeganistão, Iraque, e Síria nos últimos 12 anos envolvendo intervenções estrangeiras nesses países profundamente divididos, mesmo que em alguns momentos tenham tido aparente sucesso militar em nenhum dos casos eles foram capazes de consolidar o poder ou estabelecer Estados estáveis até hoje.

Finalizando de acordo com Cockburn (2015, p.50), "Parece improvável que não mulçumanos, inclusive os ocidentais, deixem de ser atingidos por esse jihadismo ressurgente". Este que segundo o autor, após ter transformado a cena política no Iraque e Síria, produziu efeitos na geopolítica global, com consequências sobre todos nós e principalmente sobre os países citados anteriormente que foram deixados completamente em ruínas, destruídos pelas bombas, pela fome, pelo medo, mas com a esperança de que um dia a democracia finalmente chegue.

5. CONCLUSÃO

A referente pesquisa analisou o processo de Terrorismo desde o mundo antigo, para demonstrar como os Estados unidos e a algumas potencias mundiais se articularam politicamente e militarmente na luta contra essa prática na atualidade.

Este estudo partiu de uma motivação acadêmica através da disciplina de Relações Internacionais no âmbito da Geopolítica global, e pessoal, onde percebeu-se a necessidade de aprofundamento neste que é um dos assuntos mais discutidos na atualidade, pois desde os ataques terroristas do 11 de Setembro o mundo ocidental mergulhou em uma era sombria e de medo onde as grandes potências globais passaram a buscar meios para combater e se proteger do terrorismo praticados por grupos jihadistas que usam da violência extrema contra vítimas inocentes.

Por intermédio da pesquisa bibliográfica fundamentada por autores renomados como: Magnoli (2008), Cockburn (2015), Newton Carlos (2003), Dan Smith (2008), Degenszajn (2006), Mazetto (2002). Foi demonstrado que apesar do termo terrorismo ser recente, atos terroristas vêm sendo praticados desde o início da História da humanidade por diversas pessoas e grupos como forma de intimidação. E de como ao longo do tempo esse fenômeno foi se tornando complexo, desde a interpretação do mesmo, assim como a dificuldade em compreender as justificativas dos grupos que o utilizam para conseguirem seus objetivos.

O presente estudo é de suma importância para que a sociedade de modo geral compreenda os acontecimentos que ocorrem mundo afora, e que por conta da globalização, eles afetam a todos, direta ou indiretamente. Sendo uma porta de análise das ações empregadas contra o terrorismo que vieram a se tornar desastrosas, resultando em graves problemas, sobretudo numa histeria de medo e terror nunca antes vistas, e que está definindo a história contemporânea.

Portanto, além de mostrar ao leitor sobre o conflito que há na definição do termo Terrorismo, esta monografia cumpre o seu papel apresentando os fatores que levaram ao fracasso do combate ao terror pelo Ocidente, com a análise das relações políticas entre os países envolvidos, suas justificativas para alçarem guerras como as que praticamente destruíram países como Iraque e a Síria que ainda hoje permanecem em conflitos, aumentando o caos no Oriente Médio, e que deram maiores motivações para a ascensão de grupos Terroristas, principalmente o Estado

Islâmico, considerado hoje o maior e pior grupo em ação no mundo, e grande inimigo das potências globais. Sendo esses os maiores problemas geopolíticos do início do século XXI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Priscila Drozdek. **Terrorismo: Uma abordagem conceitual**. Paraná. Universidade Federal do Paraná - 2012.

ALTMAN, Max. **Czar Alexandre II é Morto em Atentado terrorista**. OperaMundi. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/20486/hoje+na+historia+1881++czar+alexandre+ii+e+morto+em+atentado+terrorista.shtml. >Acesso em 07 de fev de 2017.

_____**Hoje na História: 1865 - É fundada a comunidade racista KuKluxKlan"**; Opera Mundi. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/8431/hoje+na+historia+1865++e+fundada+a+comunidade+racista+ku+klux+klan.shtml>Acesso 15 de fev de 2017.

ANDERSON, Jon Lee. **A Queda de Bagdá** / Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

AQUINO, Felipe: **Para entender a inquisição**, editora Cleofas, 2009.

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da Pesquisa Bibliográfica na Área Odontológica e o Artigo Científico Como Forma de Comunicação**. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

CANHETE, Jeová. **Dois séculos de terrorismo**. Professor Jeova, 2011.Disponível em: <https://professorjeova.com/historia/historia-geral/>Acesso em: 9 de jan de 2017.

CARLOS, Newton. **Bush e a doutrina das guerras sem fim**. Rio de Janeiro: Revan, 2º edição, 2003.

CARR, Caleb. **A Assustadora História do Terrorismo**. Trad. Mauro Silva, Coleção Assustadora História, São Paulo: Ediouro, 2002.

CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. Petrópolis- Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

CONSTANTINO, Rodrigo. **A seita dos assassinos: a origem medieval do terrorismo islâmico**. Gazeta do povo, 2015. Disponível em:<https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/a-seita-dos-assassinos/> Acesso em: 20 de jan de 2017.

CORTI, Ana Paula. **Primeira Guerra Mundial: Estopim foi assassinato de arquiduque**. Uol Educação. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/primeira-guerra-mundial-estopim-foi-assassinato-de-arquiduque.htm> Acesso 20 de fev de 2017

DEGENSZAJN, Andre Raichelis. **Terrorismos e Terroristas.** São Paulo, 2006.

DENAUD, Patrick. **Iraque, a guerra permanente**: a posição do regime iraquiano\ Patrick Denaud; entrevistas com Tarek Aziz; Maria Inés D. Menendez. – Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

DE PAULA, Guilherme. **Terror em Paris no século XIX: os atentados anarquistas. Revista Forum, 2015. Disponível em:** <https://www.revistaforum.com.br/semanal/terror-em-paris-no-seculo-xix-os-atentados-anarquistas/> **Acesso em:** 22 de jan de 2017

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910 – 1989 **minidicionário d Língua portuguesa** \ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; Lexicografia, Margarida dos Anjos... [et al.]. 4. ed. rev. ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FERREIRA, Graça M. L. **Atlas geográfico: espaço mundial**. 4 ed. São Paulo: Moderna, 2013.

FLORENZANO, Modesto. **As Revoluções Burguesas.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

GALITO, Maria Sousa. **Terrorismo conceptualização do fenómeno**. Lisboa: CEsA/ISEG, Centros de Estudo do Instituto Superior de Economia e Gestão, 2013.

GOODMAN, M. **A classe dirigente da Judéia: as origens da revolta judaica contra Roma, 66–70 d.C**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

HOBSBAWM, Eric j. **A era dos extremos: o breve século XX (1914 – 1991).** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOFFMAN, Bruce. **Inside Terrorism**. New Iorque: Columbia University Press, 2006.

HORSLEY, R. **Jesus e a espiral da violência: resistência judaica popular na Palestina romana**. São Paulo: Paulus, 2010.

LAQUEUR, Walter. **A História do Terrorismo**. Rio de Janeiro: Transaction, 1997.

LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LUZA, Nilo. **Etapas da história de Israel – Período romano (63 AC-até o sé DC)**. Paulus. Disponível em: <https://www.paulus.com.br/portal/colunista luza/etapas-da-historia-de-israel-periodo-romano-63-ac-ate-o-sec-4o-dc.html#.XI4QqChKjIW> Acesso em: 15 de Jan de 2017.

MAGNOLI, Demétrio. **Terror Global**. Publica folha (2008) Edição 1.

MAZETTO, Francisco de Assis Penteado. **O Terrorismo na História**. Juiz de Fora-MG, 2002.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. **Quantitativo- Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?** Cad. Saúde Pública, São Paulo, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.

NAPOLEONI, Loretta. A fênis Islamista: o Estado Islâmico e a reconfiguração do Oriente Médio/ Loretta Napoleoni; tradução Milton Chaves de Almeida. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

NETO, Geneton Moraes. **Dossiê História: a voz das testemunhas: um repórter encontra personagens e testemunhas de grandes tragédias da história mundial**. São Paulo: Globo, 2007.

ONAISSI, Ali. **Káli e a seita dos thugs.Gnosis,** 2017. Disponível em: <http://www.gnosisonline.org/antropologia/kali-e-a-seita-dos-thugs/> Acesso em: 8 de fev. de 2018.

PELLEGRINI, Ramon Trindade; PEDREIRA, Paulo Tarso Mascarenhas. **Imperial-Terrorismo Estadunidense: A Violência Como Fator de Controle.** Niterói RJ, 2002.

PITTA, Valter. **Cartago, a Grande. Civilizações Africanas**, 2009. Disponível em: <http://civilizacoesafricanas.blogspot.com/2009/10/cartago-grande.html> Acesso em: 13 de jan de 2017.

PIZZANI, Luciana. Silva, Rosemary Cristina da. Bello, Suzelei Faria. Hayashi, Maria Cristina PiumbatoInnocentini. **A Arte da Pesquisa Bibliográfica na Busca do Conhecimento.** Campinas, 2012.

POMPÉO, Wagner A. **Hundertmarck. Guerra ao terror e terror à guerra: políticas e práticas antiterror, liberdade e o futuro das tic's**. Santa Maria: UFMS, 2015.

RABELLO, Aline Louro de Souza e Silva. **O conceito de terrorismo nos jornais americanos: uma análise de textos do New York Times e do Washington Post, logo após os atentados de 11 de setembro**. Rio de Janeiro: PUC- Rio, Departamento de Relações Internacionais, 2007.

RAI, Milan. **Iraque Plano de Guerra**. Milan Rai/ tradução Luiz Antônio Aguiar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

RODRIGUES, Sérgio. **Palavra "Terrorismo" nasceu na Revolução Fran**
Veja Abril, 2013. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/s palavras/palavra-terrorismo-nasceu-na-revolucao-francesa/> Acesso em: 18 de fev 2017.

SANTOS, J.B. Ribeiro. **Jesus de Nazaré e suas milícias: a oralidade da preleção nas "bem aventuranças" na historiografia canônica de uma comunidade primitiva**. Revista de História (UFBA) v. 2, n. 2, p. 3-21, 2010.

SANTOS, José de Paula. **O estopim da primeira Guerra Mundial**. Profjosepsantos. Disponível em:

<https://profjosepsantos.wordpress.com/2011/05/17/o-estopim-da-primeira-guerra-mundial/> Acesso 20 de fev de 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 25 ed. rev. E atual – São Paulo:cortez, 2007.

SHLILLING, Voltaire. **O Atentado da Máquina Infernal**; Educa Terra. Disponívelem:<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/2004/12/10/001.htm>. Acesso em 24 de jan de 2017.

SILVA, Edna Lúcia da. MENEZES, EsteraMuszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação.** Florianópolis, 2005.

SMITH, Dan. **O atlas do Oriente Médio: Conflitos e soluções**. São Paulo: Publifolha, 2008.

SOBOUL, Albert. **A Revolução Francesa**. São Paulo: Difel, 1974.

STORTI, Janaína Marques. **Enfrentando as novas ameaças: estratégia e política internacional norte-americanas no pós Guerra Fria** / Janaína Marques Storti. - - Campinas, SP: [s. n.], 2009.

TURCI, Érica. **Terceira Guerra Púnica - Fim dos conflitos – Roma destrói Cartago**. Uol Educação, 2008. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/terceira-guerra-punica---fim-dos-conflitos-roma-destroi-cartago.htm> Acesso em: 13 de jan de 2017

VILELA, Túlio. **1ª Guerra Mundial - Atentado contra arquiduque deu início ao conflito**. Uol Educação, 2013. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/1-guerra-mundial-1-atentado-contra-arquiduque-deu-inicio-ao-conflito.htm> Acesso em: 22 de jan. de 2018.

XAVIER, Antônio Carlos. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos: ciências humanas e sociais, artigo, resumo, resenha, monografia, tese, dissertação, tcc, slide/** Antonio Carlos Xavier. ilustrações, Karla Vidal. – Recife: Editora Réspel, 2010.

WHITTAKER, David. **The terrorism reader**. New York: Routledge, 2003.